

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

JOSIEL CARNEIRO DE MELO JÚNIOR

A FUNÇÃO SOCIAL DO GRAFITE E DA PICHAGEM NO BAIRRO DO
RECIFE

Recife
2018

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Josiel Carneiro de Melo Júnior

**A FUNÇÃO SOCIAL DO GRAFITE E DA PICHAÇÃO NO BAIRRO DO
RECIFE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para a Graduação no Curso de Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação do Profa. Dra. Ana Maria Filgueira Ramalho

RECIFE

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB/4-2116

M528f Melo Júnior, Josiel Carneiro de.
A função social do grafite e da pichação no bairro do Recife /
Josiel Carneiro de Melo Júnior. - Recife, 2018.
86 f.: il. color.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Filgueira Ramalho.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Arquitetura e
Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2018.
Inclui bibliografia

1. Arquitetura e urbanismo. 2. Arte urbana. 3. Grafite. 4.
Pichação. I. Ramalho, Ana Maria Filgueira. II. Faculdade Damas da
Instrução Cristã. III. Título

72:76 CDU (22. ed.)

FADIC (2018-096)

A todos, que por meio de um traço
efêmero desejam se eternizar.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho de graduação é o culminar de uma etapa extremamente exigente, mas, também gratificante, que estando repleta de desafios, requereu, da minha parte uma forte capacidade de superação. Não o bastante, este produto é um produto de contribuição e apoio de várias pessoas, com quem partilhei este processo de desenvolvimento, a quem não poderia deixar de agradecer. Desse modo agradeço a todos que de maneira direta e indireta contribuíram para que este trabalho se tornasse possível.

“Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
A palavra no muro ficou coberta de tinta

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
Só ficou no muro tristeza e tinta fresca
Nós que passamos apressados

Pelas ruas da cidade
Merecemos ler as letras e as palavras de gentileza
Por isso eu pergunto a você no mundo
Se é mais inteligente o livro ou a sabedoria

O mundo é uma escola
A vida é um circo
Amor palavra que liberta
Já dizia um profeta

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
Só ficou no muro tristeza e tinta fresca
Por isso eu pergunto a você no mundo
Se é mais inteligente o livro ou a sabedoria
[...].”

Mariza Monte.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo discutir a função social do grafite e da pichação, usando como objeto de estudo o Bairro do Recife. O referido bairro se destaca por se constituir como o local de maior interesse de grafiteiros e pichadores, e sendo assim, é o local, onde mais se encontram essas expressões artísticas - grafite e pichações - na cidade do Recife, os quais agregam à paisagem urbana histórica, essa arte da contemporaneidade. Para tanto, se utilizou como apoio teórico os conceitos de arte, arte urbana e função social da arte, e se buscou distinguir o que é arte e pichação. Por fim, conclui-se que, mesmo com opiniões distintas, tanto do ponto de vista do artista, tanto do expectador, pode-se afirmar que o grafite e a pichação exercem uma função social.

Palavras-chave: arte, arte urbana, grafite, pichação, função social.

ABSTRACT

This research has as a goal to discuss the social function of graffiti and “pichação”, being the neighborhood of Recife Antigo the main subject to be studied. The neighborhood itself stands out for being one of the most preferred place for graffiti artists and “pichadores” artists, therefore the referred neighborhood is the one where it’s possible to find the majority of the artistic expressions known as graffiti and pichação, which contributes for the urbanistic history landscape, this contemporaneity art. For this research were used the concepts of: arts, urban arts and the social function of art, as theoretical support, where the intent was to debate what is art and what is “pichação”. Finally, it’s concluded that even having distinct opinions, both, the artists and the art viewers agree that the graffiti and pichação have a social function.

Keywords: art, urban art, graffiti, “pichação”, social function.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Forever Bicycles sculpture, Ai Weiwe, New York.....	9
Figura 2: Pes(o)soa de Carne e Osso". Performance de Santiago Cao, Salvador.....	9
Figura 3: Instalação urbana, Henrique Oliveira, SP.....	10
Figura 4: Mural urbano, Rafael Sliks, SP.....	10
Figura 5: Grafite urbano, Crânio, São Paulo.....	10
Figura 6: Adesivos urbanos.....	10
Figura 7: Muros com pichações, São Paulo.....	10
Figura 8: Arte paleocristã na catacumba de Domitila.....	15
Figura 9: Fachada de grafites no bairro do Harlem, EUA.....	16
Figura 10: Grafite, espanhol Barcelona, 2003.....	17
Figura 11: Grafite americano, EUA, 1999.....	17
Figura 12: Fachada do Teatro de Cultura Artística, São Paulo.....	18
Figura 13: Artista Alex Villauri grafitando sobre estêncil.....	19
Figura 14: Mural the Giant of Boston, EUA.....	20
Figura 15: Figura 16: Pichação contra a ditadura militar.....	21
Figura 16: Pichações de grupos políticos rivais.....	21
Figura 17: "Celcanto provoca maremoto".....	21
Figura 18: Propaganda do Cão fila km 26.....	21
Figura 19: Matéria do jornal Estadão destacando a prisão de pichadores.....	23
Figura 20: Tag reto paulista.....	24
Figura 21: Xarpi carioca.....	24
Figura 22: Instalação de Jorge Pardo pixada.....	26
Figura 23: Pavilhão no Parque Ibirapuera.....	28
Figura 24: Panorama do MAAU.....	30
Figura 25: Capa da matéria online do jornal El País referente à destruição de grafites.....	31
Figura 26: Muro cinza pichado com o nome de Doria.....	32
Figura 27: Grafite do Eduardo Kobra pichado.....	32
Figura 28: Muro alvejado por balões de tinta.....	33
Figura 29: Proibição Judicial de apagar os grafites.....	33
Figura 30: Resultado final da grafitagem realizada por Nunca, SP.....	38
Figura 31: Grafite para decoração do Carnaval, Galo, Recife.....	38
Figura 32: Mural realizado por Karina Agra.....	39
Figura 33: Pichação exigindo a prisão do acusado Lenivaldo.....	39
Figura 34: Pichação que denuncia a prisão de Cajá.....	40
Figura 35: Propaganda educativa para utilização dos murais da crítica.....	42
Figura 36: Mural da crítica 1980, local desconhecido.....	42
Figura 38: Pichadores pichando suas tags.....	45
Figura 37: Pichadores pichando suas tags.....	45
Figura 39: Pichador assinando sua tag.....	45
Figura 40: Tags de pichadores do Recife.....	45
Figura 42: Grafites da Rua Mariz e Barros.....	49
Figura 41: Rua Barão R. Mendes, Bairro do Recife.....	49
Figura 43: Rua Mariz e Barros, Bairro do Recife.....	49
Figura 45: Rua da Moeda, Bairro do Recife.....	49
Figura 44: Travessa Tuyuty.....	49
Figura 46: Avenida Marquês de Olinda.....	49

Figura 47: Grafite do artista Jotazeroff.....	50
Figura 48: Grafite do artista Bozó Bacamarte.....	50
Figura 49: Grafite de Loba, Bairro do Recife.....	50
Figura 50: Rua Barão R. Mendes, Bairro Recife	50
Figura 51: Rua da Moeda, Bairro do Recife.....	51
Figura 52: Travessa Tuyuty.....	51
Figura 53: Mapa ilustrativo dos locais onde se concentram os grafites.....	51
Figura 54: Grafite do grafiteiro Speto, SP.....	53
Figura 55: Grafite do grafiteiro Eduardo Kobra, SP.....	53
Figura 56: Grafites.....	53
Figura 57: Pichação protesto.....	53
Figura 58: Pichações do Bairro do Recife.....	54
Figura 59: Assinaturas de pixadores.....	54
Figura 60: Gráfico 01 Você considera o grafite arte?	59
Figura 61: Gráfico 02 Você considera a pichação arte?	59
Figura 62: Gráfico 03 Você concorda com a forma com que o grafite se apropria dos espaços urbanos?	60
Figura 63: Gráfico 04 Você concorda com a forma que a pichação se apropria dos espaços urbanos?	60
Figura 64: Rua do Apolo, Bairro do Recife.....	61
Figura 65: Rua da Assembleia, Bairro do Recife.....	61
Figura 66: Travessa Tuyuty, Bairro do Recife.....	61
Figura 67: Rua do Apolo, Bairro do Recife.....	61
Figura 68: Gráfico 05 Você prefere o bairro do Recife (Recife Antigo) sem os seus grafites?.....	64
Figura 69: Gráfico 06 Você prefere o bairro do Recife (Recife Antigo) sem as suas pichações?.....	64
Figura 70: Gráfico 06 Na sua opinião, o grafite exerce uma função social?	70
Figura 71: Gráfico 07 Na sua opinião, a pichação exerce uma função social?	70
Figura 72: Gráfico 08 Qual seria a função social do grafite?	71
Figura 73: Gráfico 09 Qual seria a função social da pichação?	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Os grafites apresentadas nas entrevistas com os frequentadores do bairro.....	55
Tabela 2: Mostra as pichações apresentadas aos frequentadores do bairro.	56
Tabela 3: Perfil dos grafiteiros.	67
Tabela 4: Perfis dos pichadores.	68

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	4
1 DA ARTE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA A ARTE URBANA	4
1.1 A ARTE URBANA	7
1.2 NECESSIDADE E FUNÇÃO SOCIAL DA ARTE	12
CAPITULO II	14
2 O QUE É GRAFITE E PICHANÇA	14
2.1 O SURGIMENTO DO GRAFITE	15
2.2 O SURGIMENTO DA PICHANÇA.....	17
2.3 HISTÓRIA DO GRAFITE E DA PICHANÇA NO BRASIL	18
2.4 HISTÓRIA DA PICHANÇA NO BRASIL.....	20
2.5 UM DIÁLOGO CONFLITUOSO: INSERÇÕES DA PICHANÇA NO CAMPO DA ARTE	25
2.6 OS GRAFITES APAGADOS DE SÃO PAULO: DÓRIA E A CIDADE CINZA	29
CAPÍTULO III	36
3 A HISTÓRIA DO GRAFITE E DA PICHANÇA NO RECIFE	36
3.1 A HISTÓRIA DO GRAFITE NO RECIFE.....	36
3.2 A HISTÓRIA DA PICHANÇA NO RECIFE	39
CAPITULO IV	46
4 A FUNÇÃO SOCIAL DO GRAFITE E DA PICHANÇA NO BAIRRO DO RECIFE: CONSENSOS E DISENSOS.....	46
4.1 O BAIRRO DO RECIFE ANTIGO	46
4.1.1 O bairro do recife: entre os grafites e pichações	48
4.1.2 Metodologia	52
4.2 GRAFITE E PICHANÇA: A ARTE URBANA DA CONTEMPORANEIDADE	55
4.2.1 Grafites e pichações: Os espaços urbanos ao bairro do Recife.	59
4.2.2 Grafiteiros, pichadores e suas formações na rua.	64
4.3 A FUNÇÃO SOCIAL DO GRAFITE E DA PICHANÇA.....	69
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS.....	77
APÊNDICES.....	80

INTRODUÇÃO

Toda forma de representação artística somente acontece em um ambiente em que o homem pode se expressar por meio de suas produções. Desse modo a arte é produzida por uma necessidade de expressão (FISCHER, 1963). Ainda segundo o autor a arte é quase tão antiga quanto o homem. Sendo assim, este trabalho pretende propor uma reflexão sobre os conceitos estabelecidos em torno das questões que tangenciam os limites entre aquilo que é arte e o que não é. Neste panorama, encontramos o caso da pichação e do grafite que apesar de desfrutarem da semelhança no suporte e na técnica, se diferenciam no seu cerne. Mas, o que são as pichações e os grafites? São mesmo expressões contemporâneas da rua, como geralmente acreditamos ou nos fazem acreditar? São ações de criminosos? Ou agressões a um harmônico e limpo espaço urbano ou resultado também da agressividade do processo de produção deste?

Gitahy (1999) afirma que uma das diferenças entre o grafite e a pichação, é que o grafite se aproxima das artes plásticas, ou seja, sua técnica valoriza a criação de imagens, enquanto a pichação privilegia a estética das letras e palavras. Assim como a pichação, o grafite também apresenta seu caráter transgressor, contudo devido à disseminação da sua cultura e a descoberta do seu potencial para requalificação de espaços públicos, é que nos tempos atuais sua ação é mais bem vista e aceita socialmente. A princípio, existem os grafites institucionalizados ou autorizados e os independentes. Os primeiros, feitos por encomenda, na maioria das vezes são utilizados em bares, boates, restaurantes, lojas, camisetas, prédios públicos e até em carros e motos. Os independentes, mais autorais e praticamente clandestinos, guardam em si a essência da grafiteagem — a batalha pela liberdade de expressão — e são feitos sem autorização nos muros da cidade. A pichação por sua vez, é criticada e rotulada como atividade efetuada por vândalos, poluição e crime ambiental urbano. O fato é que tanto o grafite quanto a pichação estão presente em diversas partes da cidade: viadutos, banheiros públicos, fachadas de edifícios, muros, imóveis abandonados, ônibus, metrô, orelhões, postes, monumentos públicos e outros lugares expostos. Tendo como suporte a cidade como um todo, o grafite busca sua efetivação a partir da autorização concedida pelos proprietários de alguns imóveis estando à disposição do mercado das artes,

diferentemente da pichação que se impõe de forma anárquica. O tema divide opiniões: alguns o defendem alegando a liberdade de expressão artística, outros as classificam como vandalismo. Embora ainda fonte de polêmicas, o fato é que essas expressões oferecem a esses espaços muitas vezes abandonados, um novo olhar, realizando mudanças de significados e cumprindo objetivos, como: a denúncia de vozes muitas vezes marginalizadas, o embelezamento pontual de locais e alterações nas paisagens urbanas.

Com intuito de melhor discutir, investigar, valorizar, bem como compreender seus processos sociais, é que nasce esta pesquisa. Diferente do que muitos imaginam ir ao bairro do Recife Antigo para grafitar ou pichar, significa antes de qualquer coisa, deixar sua marca perante a diversidade, é ser visto mesmo que de forma anônima. Dessa forma, quando me aproximei destes pichadores e grafiteiros, é que percebi o quão complexo está envolvido o ato de pichar e grafitar, principalmente no bairro do Recife Antigo, local que tanto sofre com transformações.

A pesquisa foi desenvolvida a luz das definições dos conceitos de **arte** oferecidos por Chauí (2000), Taylor (1978) e **arte urbana**, segundo Pallamin (2000), **função social da arte**, de Fisher (1963); **grafite e pichação**, Gitahy (1999), e Ganz (2004).

Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar em que medida o grafite e a pichação exercem uma função social. E buscou responder aos seguintes objetivos específicos: identificar se os grafites e pichações são vistos como arte pela sociedade; analisar se a forma como os grafites e as pichações se apropriam dos espaços urbanos são adequados; analisar o impacto dos grafites e pichações no Bairro do Recife; e por fim, identificar quem são os grafiteiros e pichadores e a função social da sua arte.

A questão orientadora sob a qual se desenvolve essa pesquisa foi assim definida: Em que medida o grafite e a pichação exercem uma função social? se são consideradas enquanto arte e expressão artística contemporânea qual o entendimento dos sujeitos sociais, quanto ao grafite e a pichação? Dentro desta perspectiva, teve como hipótese de que o grafite e a pichação dão voz a atores

sociais marginalizados, denunciando o contexto político social no qual estão inseridos, e sendo assim, tem uma função social.

Quanto aos procedimentos metodológicos a pesquisa cumpriu as seguintes etapas/atividades:

- Primeira etapa: Foi dedicada ao aprofundamento das referências bibliográficas convenientes ao tema, as quais discutem os conceitos de arte, arte urbana grafite e pichação.
- Segunda etapa: Visitas foram realizadas no bairro no Recife com intuito de levantar os grafites e as pichações existentes na área.
- Terceira etapa: Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com alguns artistas de arte urbana que utilizam o grafite e a pichação como formas de expressão a fim de identificar quais significados esses artistas buscam transmitir com sua arte.
- Quarta etapa: Entrevistas semiestruturadas e um questionário online foram realizados com os atores sociais que utilizam os espaços públicos do bairro que contém o grafite e pichação, a fim de identificar como estes atores sociais os apreendem.
- Quinta etapa: Compilação e análise do material coletado e montagem do trabalho final.

Para apresentar os resultados da pesquisa, este trabalho foi dividido em quatro capítulos, além desta introdução. No primeiro capítulo, denominado “Da arte na antiguidade clássica a arte urbana”, concentra-se em introduzir como se constitui a definição do conceito de arte, de arte urbana, sua necessidade e função social. No segundo capítulo, com o título: “O que é grafite e pichação” apresenta uma reflexão acerca do que é grafite e pichação, assim como, busca mostrar a distinção destas duas formas de expressão. O terceiro capítulo, com o título: A história do grafite e da pichação no Recife, apresenta como estas formas de expressão se constituíram na cidade do Recife. O quarto, chamado: A função social do grafite e da pichação no bairro do Recife, buscou apresentar como estas formas de expressão podem exercer uma função social. Por fim, as conclusões finais, a qual podemos afirmar

que o grafite e a pichação exercem, apesar de pensamentos opostos, uma função social à medida em que eles denunciam, informam e até embeleza os espaços urbanos.

CAPÍTULO I

Como meio de expressão, a arte sempre esteve presente na história da humanidade. Desse modo neste capítulo buscou-se apresentar um recorte histórico da definição do conceito de arte, sua passagem pelo mundo antigo, idade média, renascimento, sua distinção perante a definição de beleza e sua definição dentro da escala urbana. Também se encontra exposto qual a necessidade e função social que a arte exerce diante da sua condição enquanto instrumento de reflexão humana.

1 DA ARTE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA A ARTE URBANA

A palavra arte vem do latim *ars* e corresponde ao termo grego *techne*, técnica, significando: o que é ordenado ou toda espécie de atividade humana submetida a regras. Nesse sentido amplo, significa habilidade, destreza, agilidade. Em sentido específico é um instrumento, ofício ou ciência. Seu campo semântico, ou seja, relativo ao seu significado se define por se opor ao acaso, ao espontâneo e ao natural. De modo geral a arte se define como um conjunto de regras para dirigir uma atividade humana qualquer (CHAUÍ, 2000).

No mundo antigo, Chauí (2000) salienta que Platão não distinguia as artes das ciências nem da filosofia, uma vez que essas também são atividades humanas ordenadas por regras. Ele categorizava a arte em dois grupos, o primeiro: as artes judicativas, dedicadas apenas ao conhecimento do mundo inteligível ou mundo das ideias, que se baseia no ideal que o indivíduo consegue fazer de algo. O Segundo grupo: as artes dispositivas ou imperativas dedicadas à atividade material, com base no conhecimento de suas regras, como por exemplo, a produção de vasos cerâmicos. Nesse sentido, Platão define arte como toda forma de conhecimento ou atividade humana racional e utilitária submetida a regras, ou seja, a arte é resultado de um estudo investigativo que depende do domínio técnico para ser produzida.

Aristóteles distingue a arte da ciência-filosofia, definindo a arte como técnica de imitação da natureza que busca um propósito ou fim, por um meio de um conjunto de regras. No entanto, não se trata de uma mera imitação da natureza, mas uma

representação do universo natural, com o propósito de simbolizar algum ser, sentimento ou fato.

Na idade média Plotino completa a distinção entre teoria e prática e distingue as artes ou técnicas cuja finalidade é auxiliar a natureza. – como medicina e agricultura - das artes que tem por fim fabricar um objeto com materiais oferecidos pela natureza – como o artesanato. Plotino elabora outra divisão da qual separa a natureza das coisas naturais, que equivale ao mundo físico natural, da natureza inventada pelo homem que o auxilia no desenvolvimento de outras atividades e práticas, como a música e a retórica. Desse modo nesse período a classificação das artes seguiu padrão estabelecido pela sociedade antiga que tem sua estrutura social fundada na escravidão, onde o trabalho manual é desprezado e as artes liberais, estudos desempenhados por profissionais da academia são ditas como superiores. Essa classificação também é justificada por São Tomás de Aquino que difere as artes que dirigem o trabalho da razão, das artes que dirigem o trabalho das mãos.

A partir da valorização do humanismo renascentista que tinha como principal conceito o antropocentrismo, onde o homem se coloca como centro do mundo, trava-se uma luta pela elevação do status das artes mecânicas, as que têm por finalidade o que é útil aos homens, para o status de artes liberais¹. Além disso, na medida em que o sistema capitalista se desenvolve o trabalho de produzir objetos passa ser considerado fonte de riqueza, valorizando as técnicas e as artes mecânicas, que por fim tem sua elevação a condição de conhecimento como artes liberais.

Segundo Chauí (2000) a distinção entre artes da utilidade – artesanato, agricultura, medicina - e artes da beleza – pintura, escultura, arquitetura, poesia, teatro, dança - suscitou a divisão entre técnica (o útil) e arte (o belo), levando a imagem da arte a uma ação espontânea individual, a qual o artista como gênio utiliza sua sensibilidade criadora. Sendo assim o artista é visto como um ser dotado de inspiração que leva seu gênio a criar a obra. Enquanto o técnico é visto como quem aplica regras e

¹ Conceito aplicado às disciplinas chamadas *trivium* – gramática, retórica e lógica - e *quadrivium* - aritmética, geometria, música e astronomia[...]Nela são estabelecidas as sete disciplinas liberais dignas dos homens livres, sendo um grupo dedicado à palavra e outro à ciência dos números e medidas.

receitas vindas das ciências ou tradições. No que diz respeito à obra de arte, sua constituição é pensada a partir de sua finalidade, a criação do belo, segundo os critérios do artista, que após o término da elaboração da obra, tem-se um público que avalia o objeto artístico conforme tenha ou não realizado a beleza, segundo seus critérios.

Segundo Read (1976) faz-se necessário fazer uma distinção entre beleza e arte, onde a maior parte das nossas concepções acerca das duas definições se mostram equivocadas. Esta identificação da arte com a beleza esta no fundo das dificuldades na apreensão do objeto artístico. Necessariamente a arte não implica beleza, considerando que a arte em sua cronologia histórica atua nas suas próprias manifestações, onde muitas vezes é destituída de qualquer beleza. Segundo o autor a beleza se define como uma unidade de relações formais entre as nossas percepções sensoriais, ou seja, aquilo que oferece prazer a quem elabora o objeto artístico e quem o aprecia. Desta forma o sentimento de beleza é qualificado como sentimento abstrato, que oferece base elementar para atividade artística. A arte segundo o autor, não é a expressão em forma plástica de qualquer ideal particular: é a expressão de qualquer ideal realizável pelo artista em forma plástica. Sendo assim todos os artistas tem a mesma intenção: o desejo de criação; e pode definir-se a arte como uma tentativa de criação de formas agradáveis para o artista. Tais formas agradam o sentido de beleza do artista que fica satisfeito quando há possibilidade de apreciar a harmonia de relações formais entre suas percepções sensoriais (READ, 1976).

Taylor (1978), no entanto define a arte como um conjunto de processos sociais históricos e não uma orientação humana. O status da arte depende de sua inserção nesses processos. A arte é uma forma de vida sustentada e vivida por várias sociedades que derivam da situação geral do século XVII europeu. Onde as mudanças sociais estavam a cargo das classes que viviam no topo das hierarquias sociais envolvidas, responsáveis por sustentar e viver essa forma de vida. Como forma de exemplificar o autor cita o jazz, criado por negros nos estados do Sul durante o final do século XIX e o início do século XX. Inicialmente ele não começou sua existência nos estratos sociais mais altos. Contudo passa a ser uma forma de

arte emergente da década de 1930, essa emergência se deu pelas atividades críticas europeias da época.

Com o passar das épocas novas formas de conceituar arte são postas,—Bourriaud (2008), define a arte da seguinte forma: “arte é uma atividade que consiste em produzir relações com o mundo com o auxílio de signos, formas, gestos ou objetos”. Dessa forma como afirma Gombrich (1995), não existe realmente o que possa dar o nome de arte, existem somente artistas. Em certos momentos eram homens que apanhavam terra colorida para modelarem formas de um bisão na parede de uma caverna e hoje usam tinta, desenham cartazes para tapumes e fazem diversas outras coisas. Não prejudica ninguém dar o nome de arte a todas essas atividades, desde que conserve em mente que a palavra arte pode significar coisas muito diversas, em tempos e lugares diferentes.

1.1 A ARTE URBANA

Pallamin (2000), ao tratar de arte urbana, busca explicar esse conceito a partir de como são apreendidas e constituídas as situações urbanas, que são formadas por um conjunto de relações subjetivas entre pessoas e os significados que elas atribuem aos lugares que frequentam na cidade. Ainda segundo a autora estas situações apresentam dois perfis que as caracterizam: o primeiro é marcado por estabelecer diferenças contextuais ao longo do tempo e o segundo é marcado pela efemeridade, que estas situações apresentam. Desse modo não é possível estabelecer um sentido final para estas situações que estão sempre envolvidas por processo contínuo.

A autora ainda salienta que dentro de uma constituição material e simbólica que se caracteriza o urbano, o campo artístico participa como parte constituinte. Isso se dá devido à existência de uma ligação com processo de criação, cujos procedimentos e resultados vão sendo definidos em percurso. Sua abordagem parte do modo de fazer/construir não definido previamente, mas concebido durante a sua produção, entendendo-se por arte o resultado desta construção inventiva, ou seja, criativa. Nestas condições de procedimentos operativos de criação, aliada as mutuas influencias entre arte e o urbano, deve rebater, segundo Argan (1998), nas

investigações de cunho estético que inserido na escala urbana, faz-se produto de investigação do urbanismo.

Argan (1998) afirma que o urbanismo é uma disciplina que estuda a construção das cidades e se formou a partir da utilização da cultura como base para suas análises. Portanto tem um componente científico, porque efetua análises rigorosas sobre a condição demográfica, econômica, produtiva, sanitária, tecnológica dos agregados sociais; tem como componente sociológico, porque estuda as estruturas sociais e seus desenvolvimentos previsíveis; tem como componente político, porque influi sobre esses desenvolvimentos orientando-os em certas direções; tem um componente histórico, porque considera as situações sociais na dupla perspectiva do passado e do futuro e tem enfim um componente estético, porque sempre termina na determinação de estruturas formais.

Todas as pesquisas visuais deveriam ser organizadas como pesquisa urbanística. Faz urbanismo o escultor, faz urbanismo o pintor, faz urbanismo até mesmo quem compõe uma página tipográfica, faz urbanismo quem quer que realize alguma coisa, que colocando-se como valor, entre, ainda que nas escalas dimensionais mínimas, no sistema dos valores (ARGAN, 1998 p. 224).

Neste contexto, fazer urbanismo, é colaborar qualitativamente para transformação do espaço urbano modificando os elementos e significados que compõem seu cenário. Este trabalho de transformação provoca e ao mesmo tempo exige a compreensão e interpretação de códigos existentes no âmbito urbano. “Há necessidade de transformação das artes visuais em urbanismo foi uma proposta teorizada, que tem como pressuposto que o trabalho do artista é um serviço social e ocupa a posição de transformador e construtor da cidade” (ARGAN, 1998). “A integração das artes visuais como empresa urbanística, da construção da cidade, ou da civilização, (sabendo que as duas palavras tem a mesma raiz) chama-se desenho industrial,” (ARGAN, 1998, p 220.) e teve em artistas como Kandinsky, Klee, Mondrian, Albers, Moholy-Nagy, condições de se concretizar enquanto discurso teórico e atividades práticas disseminadas na Bauhaus², entre 1920 e 1930. Desse modo se faz necessário fazer uma reflexão de como deveria ser e o que tem

² Escola de artes, design e arquitetura da Alemanha, fundada em 1916 por Walter Gropius.

sido a relação do urbano com a arte e os espaços públicos, bem como seus conflitos.

Pallamim (2000) destaca que ao analisarmos a relação da arte com os espaços públicos nos é apresentada diversas formas de relações, como: às relações de força entre grupos sociais, entre espaços, interpretações do cotidiano, de memória e história dos lugares. Seu potencial está presente em um terreno privilegiado, causando diversos efeitos para os que desfrutam do espaço urbano. Pensar no cenário urbano é aproximar-se da vida social e o modo como às pessoas produzem e são produzidas. É enxergar na diversidade de expressões um modo de dialogar com a cidade, por meio de diversas formas, como: esculturas, performances³, instalações⁴, murais, adesivos, grafites e pichações, Essas duas últimas formas constituem-se como objetos de estudo desse trabalho.

Muitas das transformações desses espaços urbanos não pretendem, toda via criar aspectos fotogênicos do lugar, apesar de que algumas terem esse fim, mas buscam inovar enquanto intervenção artística. As figuras de 1 a 7 ilustram as diversas formas de arte urbana.

Figura 1: Forever Bicycles sculpture, Ai Weiwei, New York.



Fonte: (Stanley, 2018)

Figura 2: Pes(o)soa de Carne e Osso". Performance de Santiago Cao, Salvador.



Fonte: (Jung, 2010).

³ Forma de arte que combina elementos do teatro, das artes visuais e da música. Nesse sentido, a performance liga-se ao happening (os dois termos aparecem em diversas ocasiões como sinônimos), sendo que o happening o espectador participa da cena proposta pelo artista, enquanto na performance, de modo geral, não há participação do público.

⁴ O termo instalação é incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960, designando assemblage ou ambiente construído em espaços de galerias e museus.

Figura 3: Instalação urbana, Henrique Oliveira, SP.



Fonte: (Gutkoski, 2009)

Figura 4: Mural urbano, Rafael Sliks, SP.



Fonte: (Rafael Sliks – Liberdade, 2012)

Figura 6: Adesivos urbanos.



Fonte: (Raúl, 2011)

Figura 5: Grafite urbano, Crânio, São Paulo.



Fonte: (Kubota, 2013)

Figura 7: Muros com pichações, São Paulo.



Fonte: (Miranda, 2015)

Segundo Pallamin (2000), enquanto prática social a arte urbana, permite a apreensão de relações e modos diferenciais de apropriação do espaço urbano, envolvendo em seus propósitos estéticos o trato com significados sociais que as rodeiam, seus modos de efetivação cultural e política. Debruçar-se sobre a arte

urbana adentrar na cidade a partir de planos imaginários dos seus habitantes, incorporar os princípios fundamentais para compreensão da sua materialidade. Os significados das obras de arte urbana e sua concretização se dão no domínio público, em meio a espaços de contradições e conflitos, configurando terrenos onde o choque de interesses se torna inevitável.

Pallamin (2013) ressalta que a arte urbana enquanto prática crítica interroga os modos como as atividades artísticas e os espaços urbanos são socialmente produzidos e vivenciados. A arte urbana associa-se à ideia de intervenção negativa, antepondo-se a cultura afirmada e divulgada pela mídia e os processos de globalização. Uma das suas pretensões é refletir sobre os valores culturais, sociais e artísticos consolidados durante a história, construindo uma nova forma de apreensão do espaço urbano. Dentro dessa perspectiva a arte urbana tem se caracterizado enquanto prática artística que apresenta uma ênfase nos valores da arte contemporânea, que nos dias atuais se vale de diversas formas de linguagens como, por exemplo, dança, pintura, música, teatro, escultura, literatura, para expor seus questionamentos, desafiando as classificações habituais da arte. Apesar das distintas formas poéticas, a arte contemporânea partilha de uma ideia em comum, onde cada forma de expressão artística tem seu modo de se dirigir as coisas do mundo. Dessa forma, sua comunicação se faz por meio de signos retirados da cultura de massa e do cotidiano, constituindo assim uma ligação direta entre vida e arte. Sua materialização visual juntamente com os valores e significados que a arte urbana trabalha incitam a questionamento, como por exemplo, como e por quem os espaços da cidade são determinados, que representações e discursos são dominantes, quem exerce o direito de usufruir desses espaços, qual a participação da sociedade na produção dos espaços culturais e públicos.

Sendo assim, a arte urbana pode ser definida como uma expressão da arte contemporânea, de caráter popular, que tem como suporte⁵ os espaços públicos da cidade e diversos outros suportes, como: mobiliário urbano, muros e todo tipo de aparato de sinalização. Seu caráter invasor tangencia o limite entre público e o

⁵ Qualquer coisa cuja finalidade é sustentar, aquilo que auxilia, que oferece apoio.

privado, contribuindo para o processo de ressignificações dos espaços ao qual se insere (FERREIRA, 2011).

1.2 NECESSIDADE E FUNÇÃO SOCIAL DA ARTE

Fisher (1963) afirma que a arte é uma atividade particular do gênero humano e sempre esteve presente no cotidiano do homem. Seu desenvolvimento vem acompanhando a história da humanidade, desde o período pré-histórico. Desse modo o autor apresenta alguns questionamentos acerca da função da arte, como por exemplo: Será que a arte é apenas um substituto a vida? Poderá a função da arte ser resumida em uma única fórmula? Não satisfará se ela apresentar diversas e variadas necessidades? E se observamos as origens da arte, não verificaremos que sua função inicial se modificou e que novas funções passaram a existir?

Ainda segundo o autor a arte nunca foi uma produção de origens individuais, mas sim coletiva. O ser humano se utiliza da arte para estabelecer diálogos com o meio que vive. A arte realmente tem sentido quando sua representação for uma representação social. Desse modo a arte como representação da própria realidade social, evidencia o momento atual vivido, caso não seja, sua função se torna infiel. A arte precisa mostrar o mundo como passível de ser mudado. Sua função social é ajudar a muda-lo. Desse modo a arte precisa do artista para se concretizar, cabe a ele a função de por meio de sua arte expor ao público a significação profunda dos acontecimentos, fazendo-o compreender claramente a necessidade e as relações essenciais entre o homem e a natureza, entre o homem e a sociedade. Cabe ao artista educar a sociedade para que ela possa desfrutar de uma compreensão apropriada da arte.

Read (1976) afirma que ninguém é capaz de negar a profunda relação entre o artista à arte e a sociedade. O caráter individual da obra do artista depende, contudo de algo mais do que a vontade criadora da personalidade do artista. Não podendo existir arte se não houver esta vontade criadora. Contudo a arte produzida pelo artista está inteiramente ligada com as circunstancia que o cerca, sendo expressa por sua vontade individual. Desse modo podemos identificar períodos históricos em função das obras criadas pelo artista.

A arte como um substituto, ou seja, como forma de compensar o desequilíbrio social exerce a função de colocar o homem em estado de equilíbrio com o meio que o circunda. Contudo não se pode esperar um equilíbrio permanente entre o homem e o mundo que o cerca, mesmo na sociedade mais avançada. O homem necessita ser mais do que ele próprio, deseja realizar-se como um ser completo, não lhe satisfaz ser um indivíduo isolado, ele aspira por uma totalidade na vida, ele busca por um mundo que lhe ofereça um sentido. O homem deseja relacionar-se com algo mais que seu próprio ser, ele necessita de algo externo a si. Sendo assim, busca incansavelmente absorver o mundo que o rodeia a fim de torná-lo seu. Neste sentido a arte se torna meio indispensável para união do indivíduo com o todo, servindo como modo de reflexão que apresenta capacidades infinitas para compartilhar ideias e experiências. Seu modo de cativar é diferente da realidade, criando um mundo transitório e fantasioso, constituindo assim uma forma de divertimento para quem a pratica. Contudo a arte pretende cativar o público não através de uma identificação passiva, mas como um apelo a razão que obrigue a tomada de uma ação ou decisão, com finalidade de conduzir o espectador a algo mais produtivo do que uma simples contemplação, incitando-o a refletir à medida que se desenrole a formação de um juízo final sobre o objeto apreendido (FISHER, 1963).

Ainda segundo o autor a arte tem a função de purificar as relações sociais esclarecendo aos homens as obscuridades da sociedade a fim de ajudá-lo a reconhecer e transformar sua realidade social. Desse modo a arte tanto serve como o instrumento para criação de um mundo mágico, como também uma maneira de esclarecer e estimular as relações sociais. Desse modo a arte não só foi fundamental no passado como também sempre continuará sendo no futuro e sua função sempre sofrerá mudanças em virtude das necessidades que lhe são impostas.

CAPITULO II

Neste capítulo procurou-se apresentar definições para o que é grafite e o que é a pichação, analisando o surgimento de ambos e o processo histórico em que estavam inseridos. Também se encontra exposto como a pichação por meio de suas ações buscou se inserir diante do campo institucional da arte e fatos e ações sobre a destruição dos grafites que foram apagados de São Paulo.

2 O QUE É GRAFITE E PICHAÇÃO

Segundo Gitahy (1999) o grafite e a pichação não são formas de expressão exclusivas das sociedades atuais. A palavra graffito – vem do italiano que significa inscrição ou desenhos de épocas passadas, riscadas a carvão em rochas ou superfícies. Graffiti é o plural de graffito que significa técnica. No plural a palavra grafite refere-se a mais de um desenho. A palavra pichação significa inscrição, rabisco, geralmente de teor político. As duas formas de expressão se assemelham pela efemeridade, reflexões sobre valores sociais, a utilização de tintas, muros e fachadas para sua execução. Contudo se diferenciam porque o grafite advém das artes plásticas seu objetivo é a elaboração de uma imagem composta por elementos que tem um significado, enquanto a pichação tem como objetivo a escrita, o conteúdo das palavras e a tipografia das letras.

Se compararmos a arte rupestre produzida pelos homens das cavernas com os grafites e a pichações das metrópoles, podemos constatar que ambas as formas narram nas paredes um momento histórico. Contudo o grafite e a pichação se utilizam de qualquer aparato que proporcione a adesão do spray, suporte técnico para elaboração dessas formas de expressão. Seu caráter questionador, polêmico e estético, altera diretamente a formação da paisagem das metrópoles. Amados por uns e odiados por outros, divide opiniões. Porém vale salientar que o ato de riscar é algo intrínseco a necessidade humana, segundo o artista, professor e crítico de arte, Córdula (2017), a necessidade de riscar simbolicamente uma superfície é comum aos homens. Essa atividade pode ser percebida em todos os lugares: nas paredes, carteiras escolares, diários, corpos humanos através da tatuagem, e assim por

diante. Segundo Córdula essas formas de representação de palavras, desenhos e conceitos como os alfabetos e ideogramas, se baseiam em visões da realidade e são importantíssimas para compreensão da mesma.

2.1 O SURGIMENTO DO GRAFITE

De acordo com Gitahy (1999), os primeiros vestígios do grafite foram feitos nas paredes das cavernas. As pinturas rupestres são consideradas os primeiros registros dessa forma de expressão na história da arte. Elas representam animais, caçadores e símbolos. No decorrer do tempo essa forma de expressão ganhou outras formas de serem representadas. Os egípcios com símbolos, ideogramas e imagens, construíram em seus túmulos murais que narravam acontecimentos, costumes e rituais. Contudo o autor ressalta que murais desse tipo também foram utilizados por diversas civilizações desde o extremo oriente, ao mediterrâneo. Em Pompeia sabe-se que os romanos escreviam nas paredes de suas casas e já dominavam a têmpera, outra forma de pintura sobre gesso úmido e que se estende desde a idade média. Os primeiros cristãos "grafitavam" nas catacumbas onde se reuniam signos de caráter religioso, conforme apresenta a figura 08.

Figura 8: Arte paleocristã na catacumba de Domitila.



Fonte: Mendonça, 2015

No início do século XX murais alcançaram a escala urbana, sendo produzidos por artistas mexicanos como, Diego Rivera, José Clemente e Alfaro Siqueiros. Em 1905, o Dr. AIL (pseudônimo do pintor Bernardo Carnada) publicou um manifesto defendendo a necessidade de uma arte pública e, em 1920, fez apelo a artistas em Barcelona (Espanha) proclamando a necessidade de promover uma arte que falasse

às multidões: “Pintaremos os muros das ruas e das paredes dos edifícios públicos, dos sindicatos, de todos os cantos onde se reúne gente que trabalha” (CARNADA, 1905 apud GITAHY, 1999, p. 15).

O grafite que conhecemos nos dias atuais começou a se desenvolver em meados da década de 1960 e 1970, nos Estados Unidos, especificadamente em Nova York e Filadélfia. Seu desenvolvimento se deu nas periferias norte-americanas juntamente com os movimentos hip-hop e a configuração socioeconômica existente em Nova York – na qual se encontram lado a lado as ruas sujas do Harlem e o ambiente glamoroso da Broadway. Essa reunião de diferentes culturas e os presentes problemas de classes sociais da época foi à essência que os grafiteiros utilizaram para elaboração dos grafites das metrópoles. Conforme apresenta a Figura 09

Figura 9: Fachada de grafites no bairro do Harlem, EUA.



Fonte: (Joph, 2017)

A princípio os grafiteiros nova-iorquinos costumavam ter os trens como alvos, isso ocorria porque geralmente os trens percorriam a cidade inteira, sendo vistos por milhares de pessoas. Como prática artística aceita pelo mercado da arte, o grafite começou a ganhar destaque no final da década de 1970, como retrata Ganz (2004). Na década de 1980 foram criadas as primeiras galerias nos EUA onde eram exibidas produções de linguagem da arte urbana, e o grafite estava presente. Este movimento de incorporação dentro dos circuitos das artes proporcionou ao grafite uma melhor visibilidade, efetivando parcialmente seu processo de legitimação. Em paralelo a este processo de institucionalização da arte urbana, as práticas nas ruas das cidades continuaram a existir. À medida que os grafiteiros Nova-iorquinos

visitavam outros lugares do país seus grafites também se espalhavam na mesma medida. Desse modo, as bases estilísticas do grafite norte-americano se espalham por outras partes do mundo, como Europa e América Latina adquirindo assim expressão mundial. Conforme mostra as Figura 10 e 11.

Figura 10: Grafite americano, EUA, 1999.



Fonte: (Ganz, 2004)

Figura 11: Grafite, espanhol Barcelona, 2003.



Fonte: (Ganz, 2004)

2.2 O SURGIMENTO DA PICHAÇÃO

Segundo Gitahy (1999), a pichação ao contrário do que muitos pensam se faz presente em nossa sociedade desde o período Romano. As paredes das cidades antigas como Pompeia, preservadas pela erupção do vulcão Vesúvio em 79 D.C., apresentam xingamentos, poesias e anúncios escritos que podem ser considerados como pichações. Na idade média época da inquisição, o piche, substância a base de betume, composto impermeabilizante, era utilizada para castigar pessoas consideradas bruxas. Depois a pichação passou a ser feita nas paredes das casas das pessoas que se queria atacar. Assim foi utilizada tanto para divulgar ideais e objetivos revolucionários quanto atingir a imagem de um governo. Durante a segunda guerra mundial, os nazistas usavam inscrições em muros como forma de propaganda para provocar o ódio contra os judeus e os seus descendentes.

Após a segunda guerra mundial surgem nos EUA os primeiros materiais em aerossol, como: desodorantes, perfumes, vernizes e tintas em spray. Estes materiais tinham como finalidade oferecer reparos rápidos em equipamentos domésticos. Com passar dos anos o spray vai substituindo as antigas técnicas de aplicação de vernizes e fixadores nos trabalhos artísticos. Desse modo o spray é visto como uma

opção técnica que possibilita uma maior liberdade e velocidade na execução de intervenções.

Em maio de 1968 em Paris, estudantes parisienses descontentes com as políticas conservadoras do governo de Charles de Gaulle, se utilizaram do spray para viabilizar reivindicações pichadas nos muros das ruas da cidade. Contudo com o passar dos anos a pichação se torna uma espécie de crime e é proibida em diversos países do mundo, onde os governantes alegam que sua execução danifica o patrimônio.

2.3 HISTÓRIA DO GRAFITE E DA PICHAÇÃO NO BRASIL

Gitahy (1999) afirma que no Brasil, nos anos 1950 murais já faziam parte do cenário urbano, sendo pintados nas fachadas de edifícios, como por exemplo, o mural de Di Cavalcanti, na Fachada do Teatro de Cultura Artística, conforme mostra a figura 12. Contudo esses murais serviam como elementos compositivos a construção arquitetônica e não partilhavam da ideia de democratização da arte, a qual o grafite compactua.

Figura 12: Fachada do Teatro de Cultura Artística, São Paulo.



Fonte: (Kon, 2008)

Como prática artística no Brasil, o grafite começa a se desenvolver a partir da segunda metade dos anos 1970. Nesse primeiro momento o grafite é visto como uma prática marginal, onde a questão da proibição estava bastante presente. Os artistas saíam em excursões pelas ruas da cidade de São Paulo à procura de lugares que melhor evidenciassem seus grafites para o público. Alguns grafiteiros

criaram grupos como, por exemplo, 3nós3, composto por Hudinilson júnior, Mário Ramiro e Rafael França. Esses grupos tinham como proposta oferecer a cidade uma nova versão do espaço urbano. Nessa época geralmente esses grafites eram realizados com sprays pretos e os primeiros grafiteiros que se tem registro são Alex Villauri, Rui Amaral, Carlos Matuck, John Howard e outros não mencionados. A Figura 13 mostra Alex Villauri grafitando.

Alex Vallari foi o principal precursor do grafite no Brasil. Vindo de Buenos Aires na década de 1960 costumava desenhar no Porto de Santos seus primeiros personagens. Suas primeiras imagens eram constituídas por atores sociais dos cais do porto como, por exemplo: Marinheiros, prostitutas, estivadores. Esses grafiteiros levaram certo tempo para conseguirem uma produção na rua. Mas com o passar do tempo vão gradativamente conseguindo realizar nos muros da cidade de São Paulo suas intervenções, sendo convocados mais adiante para participar da Bienal de São Paulo no ano de 1983.

Figura 13: Artista Alex Villauri grafitando sobre



Fonte: Sa, 2015

O estilo de grafite americano começou a aparecer no Brasil a partir dos anos de 1980 e logo foi difundido por todo o país, chegando ao seu ápice em 1989. Sua desenvoltura estava ligada a outros movimentos como o hip-hop, o rap e o break que aconteciam na estação São Bento, do metro de São Paulo. O grafite brasileiro não demorou muito para conseguir um estilo próprio. Desde início já recebia vários elogios, como o do crítico de arte Enio Massei que esteve no Brasil em 1989. Massei afirma que “São Paulo tem o privilégio de ser a única cidade do mundo a ter um grupo de artistas de rua trabalhando dentro de uma coerência linguística tão uniforme, que nem mesmo se encontra em New York.” Este estilo se inicia com uma

nova geração de artistas de rua que com o grupo chamado Aerosol dos quais participavam, os gêmeos Gustavo e Otávio, Speto, Tinho, Binho, levaram o grafite brasileiro a outro nível. Os gêmeos, Gustavo e Otávio em especial, são expoentes quando se fala em grafite brasileiro, seus personagens de grande escala, cores fortes e técnica apurada são referencia em todo o mundo conforme mostra a figura 14.

Figura 14: Mural the Giant of Boston, EUA.



Fonte: (Redação, 2012)

2.4 HISTÓRIA DA PICHAÇÃO NO BRASIL

No Brasil segundo Gitahy (1999), a história da pichação tem início a partir dos anos que sucederam o golpe militar de 1964. Mensagens contra o regime eram pintadas sobre fachadas e muros de edifícios públicos ou privados, que proclamavam contra a censura e a tortura exercida pelo regime. Villaça (s/d) afirma que quando o spray chega ao Brasil o seu uso passa a ser empregado nos anos 60 como mais um material utilizado para propagação de palavras de ordem nas principais cidades do país, anunciando o possível golpe de Estado que colocaria o Brasil em processo de uma estagnação política e das liberdades democráticas. A disputa entre grupos universitários de direita e de esquerda eram vistas nas ruas do Rio de Janeiro. Mensagens escritas por um grupo, logo eram sobrepostas por outras, de outros grupos, como mostra a figura 15 e 16.

Figura 16: Pichações de grupos políticos rivais.



Fonte: arquivonacional.gov.br/Arquivo, 1968

Figura 15: Pichação contra a ditadura militar.



Fonte: memoriasdaditadura.org

Essas pichações apresentavam mensagens de protesto que eram escritas de forma legível e rápida, isso era necessário para escapar da repressão policial. Desse modo se tem os primeiros registros da pichação política no Brasil. No Brasil além das frases de protesto havia outras bem humoradas como, por exemplo, “Celcanto provoca maremoto”, referente ao monstro pré-histórico do seriado japonês National Kid e o “Cão fila do km 26” que correspondia um criador de cães da raça fila que ao longo dos percursos que percorria escrevia sua propaganda. A Figura 17 mostra uma das propagandas do cão fila. A figura 18 mostra um exemplo de pichação poética.

Figura 17: Propaganda do Cão fila km 26.



Fonte: Escutovinilbebocachaca, 2014.

Figura 18: “Celcanto provoca maremoto”.



Fonte: Reali, 2017

Gitahy (1999) destaca que da década de 1980 aos dias atuais no Brasil, a pichação vai desenvolvendo novos atributos que se relaciona de modo próprio e peculiar com cada região que se insere. Contudo a pichação se apresenta em quatro fases. A primeira fase: corresponde ao momento em que os pichadores picham o próprio nome exaustivamente pela cidade, apropriando-se de todo e qualquer tipo de superfície. Desse modo o pichador deseja chamar a atenção para si, sair do anonimato. A segunda fase é marcada pela competição, os pichadores começam a usar pseudônimos ou símbolos que identificam os seus grupos. Ainda nessa fase novos grupos começam a aparecer, com isso a disputa por quem tem escrita, ou “tag⁶”, como os pichadores costumam chamar, começa a ficar esteticamente mais elaboradas e com isso culmina na saturação do espaço físico-visual da cidade. Na terceira fase: os pichadores começam a driblar porteiros, zeladores dos edifícios públicos e residenciais para alcançarem um lugar mais alto. Nesse momento se tem o desafio do picho mais difícil. Ao tentar escrever o nome do grupo no topo dos prédios muitos dos pichadores ficam de ponta-a-cabeça seguro pelas pernas, executando a pichação. Nessa fase um grande número de edificações públicas são pichadas, com isso a mídia se volta contra os pichadores, oferecendo-os uma forma de aparecer nos jornais, contudo eles são apresentados como vândalos. Na quarta fase, a pichação atinge o seu auge, onde quanto maior a repercussão alcançada pela pichação, maior o status do pichador entre seus pares. Como mostra a Figura 19, onde o jornal Estadão destaca o nome dos pichadores. Contudo o que podemos observar nos dias atuais é que se tem a mistura das quatro-fases.

Desse modo podemos concluir que existem três tipos de pichações, as pichações políticas, as pichações poéticas ou filosóficas e a pichações de disputa que acontece exclusivamente entre os pichadores, onde por meio de sua *tag*, se divulga e evidencia sua existência. (PEREIRA 2012).

⁶ Assinaturas de nomes ou apelido. O termo surgiu em Nova Iorque, com os jovens que denominavam o ato de escrever seus nomes pela cidade, e principalmente, nos vagões dos trens, como 'writing', 'tagging' ou 'hitting'.

Figura 19: Matéria do jornal Estadão destacando a prisão de pichadores.



Fonte:(Estadão, 2017)

Com a intensa participação da mídia na divulgação desses acontecimentos, a disputa entre os pichadores vai aumentando. Contudo com tantas intervenções por parte dos pichadores, no ano de 1998 entra em vigor a Lei federal Nº 9.605, chamada Lei de Crimes Ambientais, e no Art. 65, diferencia o grafite da pichação, estabelecendo que a grafitagem não será crime se for:

Realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado, mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado. No caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional (Lei federal Nº 9.605, 1998).

Enquanto a pichação ou qualquer outra forma de intervenção que aconteça, sem o consentimento do proprietário do imóvel é crime. Em monumento ou bem tombado, arqueológico ou histórico, a pena passa para ser de seis meses a um ano de detenção, além de multa. Todavia vale salientar que isso não foi suficiente para impedir a ação dos pichadores.

Cada estado brasileiro, ou localidade, possui uma caligrafia desenvolvida pelos adeptos da pichação. Dentre as várias caligrafias brasileiras, duas que se destacam devido a sua originalidade e produção histórica estilística, são elas: o picho carioca, mas conhecido como “xarpi”, que significa pixar de traz para frente, com caligrafia curva, traçado contínuo e pequeno tamanho, assemelhando-se a *tag* americana. E o

tag reto paulista, que se caracteriza pelo seu traçado reto. Conforme apresentam as Figura 20 e Figura 21.

Figura 21: Xarpi carioca.



Fonte: Lucas, 2015

Figura 20: Tag reto paulista.



Fonte: Sales, 2017

Tanto o Rio de Janeiro quanto São Paulo apresenta um cenário próprio para o desenvolvimento das suas pichações. Contudo é na cidade de São Paulo onde a pichação mais obteve notoriedade no Brasil. Esse desenvolvimento está ligado a um fenômeno urbano denominado de Movimento “Pixo”. Movimento que se diferencia da pichação com as letras “ch”, que é referente às frases de protesto e tem uma escrita com letras mais legíveis à população, como aconteceu nas revoltas estudantis em Paris e na ditadura militar, onde os jovens escreviam nas paredes contra a situação política e educacional da época (NASCIMENTO, 2012). Originando assim, a palavra pichação com a letra “x”.

Segundo Lassara (2014) a pichação com “x” refere-se a um tipo de intervenção urbana ilegal nativa da cidade de São Paulo, sua principal característica é o desenho de letras retilíneas, ou seja, “tag” executadas com spray ou rolo de espuma. Geralmente são executados por moradores de bairros periféricos, jovens que se arriscam ao escalar edifícios para timbrar sua marca em lugares de grande visibilidade, procurando reputação entre os pixadores.

2.5 UM DIÁLOGO CONFLITUOSO: INSERÇÕES DA PIXAÇÃO NO CAMPO DA ARTE

No ano de 2004 um episódio chamou atenção na abertura da Bienal de Artes de São Paulo. Um pixador registrou sua assinatura “Não”, nas obras do cubano Jorge Pardo e do britânico Mike Nelson. Conforme apresenta a Figura 24. A instalação de Jorge Pardo se assemelha uma cabana feita de compensados de madeira onde o visitante tem a oportunidade de se movimentar dentro do objeto artístico. Ao interferir nas obras o pixador conseguiu não apenas se destacar enquanto membro do movimento, mas destacar a pixação, completando o ato com uma entrevista para jornal a Folha de São Paulo, onde se autodenominou artista. Conforme apresenta a Figura 22.

Em entrevista a folha de São Paulo no dia 03 de outubro de 2004 o pixador “Não” afirma que ficou surpreso com a repercussão da sua ação. O pixador já tinha pixado e colado adesivos em outras obras que não foram encontrados. Contudo foi na cabana de Jorge Pardo que o pixador conseguiu sair do anonimato. Segundo “Não”: “o que eu queria era a oportunidade de falar em alguma mídia. A gente fica no anonimato porque ninguém para para entender as nossas letras. A gente passa anos aprimorando uma tipologia. Ela vai evoluindo. A escrita em São Paulo é única”.

Esse acontecimento mostra a primeira tentativa da pixação em estabelecer um diálogo com o espaço institucional da arte. A ação desta pixação em uma Bienal de Artes de São Paulo levanta alguns questionamentos e abre pequenas fissuras que desencadeiam outras intervenções.

Em entrevista concedida a Folha de São Paulo 29 de setembro de 2004, Jorge Pardo, não demonstrou descontentamento em relação à ação do pixador. Pardo ao ser questionado sobre a obra pichada, afirma:

Acho legal e acho estranho. Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas. Quem fez isso deve discordar de alguma coisa na obra. Pode ser outro artista fazendo sua própria obra dentro da minha. Pode ser só uma brincadeira. (FIORATTI, 2004)

O artista afirma que as pessoas são livres e todos tem o direito de se expressar de forma que quiser. Contudo não pratica ação de pixar a obra de outro artista. Mas se fizeram em sua obra é porque essa pessoa tinha alguma coisa a dizer. A Figura 22 obra de Jorge Pardo pixada.

Figura 22: Instalação de Jorge Pardo



Fonte: Imagem Folha, 2015

Em 2008 outra intervenção promovida pelo movimento pixo ocorreu, como apresenta a matéria do Jornal Folha de São Paulo 2008, onde um estudante do ultimo ano do curso de artes visuais do Centro Universitário Belas Artes, em São Paulo, juntamente com mais 40 integrantes, utilizaram da pixação para discutir o conceito de arte. Rafael Augustaitiz, 24, pixador desde os 13 anos, resolveu apresentar um trabalho diferente. "Uma intervenção para discutir os limites da arte e o próprio conceito de arte", explicou. A ação de intervenção ocorreu no intervalo das aulas, às 21 horas e contou com a participação de 40 jovens com idade entre 15 e 25 anos. Eles se encontraram na estação Vila Mariana metrô azul, zona sul e seguiram pra universidade. Os jovens pixaram com suas "assinaturas" nas paredes, salas de aulas, escadas, sobre os painéis de avisos, nos corrimãos, fachada do prédio, símbolos anarquistas e frases como, por exemplo: "abra os olhos e verá a inevitável marca na história". Os seguranças da instituição foram acionados para tentar deter os jovens e a pancadaria começou. Contudo, a ação só teve seu termino com a chegada da policia.

Nas palavras da coordenadora do curso de Artes Visuais, a artista plástica Helena Freddi, a ação que aconteceu na faculdade foi "um ato de vandalismo que

extrapolou os limites da ação civilizada”. Freddi afirma não considera esta ação como arte e ainda salienta que “Não considero a possibilidade de aceitar essa manifestação como trabalho de conclusão de curso”. Nesse sentido a faculdade montou uma comissão para decidir o que fazer. A comissão foi Presidida pelo advogado Carlos Alberto Rufino e contou com participação da chefe da biblioteca, Leila Rabello, e Marco Antonio Frascino, professor de legislação e ética em publicidade. A comissão que se formou optou pela expulsão do aluno Rafael. Segundo Alexandre Estolano supervisor acadêmico, a faculdade se mostra interessada em discutir o limite e transgressão da arte, mas não desse jeito. Dias após a decisão de desligamento tomada pela faculdade, um abaixo assinado pedindo a chance de defesa foi elaborado em assistência ao aluno Rafael. No texto da defesa apresenta o a seguinte afirmação: “Pixação pode ser crime, mas também é arte. A arte de verdade incomoda e às vezes demora a ser entendida”.

Outra intervenção aconteceu na 28ª Bienal de São Paulo, a proposta nomeada “Em vivo contato” manteve o segundo piso do prédio propositalmente vazio, como uma planta livre. Desse modo os pichadores aproveitaram-se desse fato para executar mais uma intervenção, preenchendo as paredes com frases: "Isso que é arte", "Fora Serra" "Abaixa a ditadura". Além dos nomes das gangues, como eles mesmo se denominam, Susto, 4 e Secretos. A ação já estava prevista pela curadoria e organização do evento, que disseram anteriormente terem tomado providências para que a pixação não ocorresse em outras áreas do prédio. Contudo a policia foi acionada e o tumulto teve seu término na delegacia. A ação foi organizada por dois pixadores que lideraram o grupo, Djan Ivson ou Cripta Djan, como é conhecido nas ruas e Rafael Augustaitiz o mesmo responsável pela intervenção no Centro Universitário de Belas Artes. A Figura 23 apresenta o pavilhão da Bienal pixado.

Figura 23: Pavilhão no Parque Ibirapuera.



Fonte: Pichação na Bienal em 2008 (Foto: Aguinaldo Rocca/VC no G1).

Após essa intervenção, na 28^o Bienal e toda a confusão ocorrida, alguns pixadores do Movimento Pixo foram convidados a participar da 29^a Bienal. Nessa ocasião a Bienal de Artes de São Paulo teve com o tema, arte e política.

Segundo Anjos e Farias (2010) os motivos que levaram a escolha deste tema se justificam por duas razões, em primeiro lugar, por viver-se em um mundo de conflitos diversos onde padrões sociais são o tempo inteiro questionados, e no qual a arte se afirma como meio privilegiado de apreensão e reinvenção da realidade. Em segundo lugar, por ter sido tão intenso esse movimento de aproximação entre arte e política nas décadas recentes. Desse modo se faz necessário refletir sobre está relação.

Ainda segundo os autores a 29^a Bienal de São Paulo foi elaborada com intuito de oferecer uma plataforma discursiva sem constranger os significados de cada projeto artístico. Deste modo o evento pretendeu reconhecer o caráter ambíguo que a arte possui desde que viu livre da sua função de simplesmente representar o que já existe. Neste sentido a arte se apresenta de duas maneiras. Por um lado, a arte é aquilo que de uma maneira própria altera as experiências sensoriais do mundo. Por outro lado, a arte possui a potência de criar o desconcerto, ou seja, é capaz de reconfigurar os temas e as atitudes existentes nos espaços de convívio. Está relação entre arte e política se dá a partir da perspectiva defendida por Jacques Rancière, onde é impossível separar arte e política. Desse modo a Bienal de São Paulo apresenta exemplos de como a arte tece entranhas nela mesma, construindo e reconstruindo políticas. Política está que não se confunde com a prática de parlamentares, ou com ativismo social, ainda que por vezes ligações legítimas entre

essas instâncias sejam realizadas, mas uma política que articula um discurso capaz de desafiar modos já estabelecidos de entendimento do mundo. Nesse sentido a arte faz política quando, em vez de gerar sentimentos de segurança e conforto, produz conhecimento que desestabiliza certezas há muito estruturadas.

Dentro deste contexto da 29ª Bienal de São Paulo, a pixação se foi mostrada de uma forma que não poderia ser vista, ou dificilmente não seria entendido pela sua grafia na rua. Considerada pelos seus praticantes, como arte e simultaneamente ação política, a pixação aproveita do espaço da Bienal não simplesmente como uma mera expressão gráfica copiando sua expressão das ruas, esta forma destituiria sua originalidade. Nesse sentido sua exposição se constituiu por meio de fotografias, vídeos e coleções de tags. Estes registros permitiram o entendimento e a compreensão das pixação enquanto inscrições físicas e simbólicas que constroem o cenário urbano da cidade de São Paulo.

2.6 OS GRAFITES APAGADOS DE SÃO PAULO: DÓRIA E A CIDADE CINZA

Quando se fala em grafite a cidade de São Paulo é destaque desde o início do movimento que aconteceu a partir dos anos de 1980 no Brasil. A cidade também conta com o primeiro museu de arte urbana do mundo, MAAU, localizado na Zona Norte de São Paulo. A idealização do museu se deu após corriqueiro acontecimento onde os grafiteiros Binho Ribeiro, Chivitiz e outros estavam pintando as mesmas pilastras do metro sem autorização. Foram denunciados levados para delegacia, onde ficaram detidos por um tempo. A partir do ocorrido tiveram a ideia de criar o museu. O projeto foi criado visando incentivar a arte e programas nas escolas da região que é o berço do grafite paulista. Após análise e aprovação do projeto pelas autoridades, a Secretaria do Estado da Cultura, o Paço das Artes e a Galeria Choque Cultural contribuíram com tinta e spray e a revitalizam das estruturas onde ficam os grafites. A intervenção contou também com o reforço de mais 60 grafiteiros que tiveram a oportunidade de expor suas obras. O Museu é composto por 33 pilastras das estações do Metro, no trecho elevado da linha um Azul, entre a estação do Tiete, Santana e Carandiru, como mostra a figura 24.

Figura 24: Panorama do MAAU.



Fonte: (Desconhecido, 2015)

Conforme vem sendo evidenciado, é em São Paulo que essas expressões artísticas – o grafite e a pixação – alcançaram maior notoriedade no Brasil. Contudo é na mesma cidade que essas expressões têm sofrido uma ruptura. A maior autoridade política da cidade, o prefeito recém-eleito, João Doria (PSDB), nos primeiros dias de sua gestão declarou guerra contra os pichadores, grafiteiros e artistas de rua. Com roupa de funcionário da limpeza municipal, ele e alguns dos seus secretários saíram à rua para promover ações do programa “Cidade Linda”. Esse programa prevê reparos em calçadas e pintura de muros em vários bairros da capital. Essa decisão culminou na destruição de uma grande parte dos grafites existentes na Avenida 23 de maio, que faz ligação do centro com a zona sul de São Paulo, considerado o maior mural de grafite a céu aberto da América Latina. Depois de apagar parte do mural de grafites Doria mostrou sua satisfação: “Pintei com enorme prazer três vezes mais a área que estava prevista para pintar”. Desse modo Dória demonstra que o grafite e as pichações são vista como sujeira urbana. Esse posicionamento gerou grandes repercussões, chegando a sair como matéria de capa da revista El País, conforme mostra a Figura 25.

Figura 25: Capa da matéria online do jornal El País referente à destruição de grafites.



Fonte: (Alessi, 2017)

Outros prefeitos que passaram por São Paulo também colocaram em prática ações para apagar e refrear o que se chama arte de rua não autorizada. Contudo o prefeito Dória foi mais radical no combate aos grafites e pichações da cidade de São Paulo. Parte deste mural de grafite da Avenida 23 de Maio já havia sido destruído e reconstruído pela prefeitura São Paulo na gestão do prefeito Gilberto Kassab. Como mostra o documentário Cidade Cinza (2017), apresentado pelos grafiteiros - Os Gêmeos. O documentário também conta com a participação de Nina, Nunca, Herbet, Zefix e Fino. Em um trabalho em equipe os grafiteiros reconstroem o mural de grafite e esclarecem como que por meio da arte de rua a cidade vai sendo ocupada e transformada por meio das pichações, grafites autorizados e não autorizados. Estes grafites não autorizados são maioria nas metrópoles e preenchem os vazios dos muros, fachadas de prédio, viadutos e mobiliários urbanos. O documentário também expõe sobre o trabalho de quem executa as ordens emitidas pela prefeitura e como a seleção do que pode ou não ser apagado fica a critério dos mesmos. Sendo assim, o documentário ressalta quem executa, quem contrata e quem desfruta destes grafites que interferem dentro das diversas escalas do cenário urbano. Contudo, observa-se que mesmo com apresentação na mídia e diversas autoridades envolvidas, estes murais ainda continuaram sendo apagados, como o apresentado no documentário que foi substituído pela cor cinza característica marcante das grandes metrópoles.

Grupos protestaram contra a ação da prefeitura de São Paulo de apagar os grafites da Avenida 23 de Maio. Manifestantes protestaram pela própria avenida a favor dos tradicionais grafites da via que liga o Aeroporto de Congonhas, na Zona Sul ao Centro de São Paulo. O manifesto partiu da Praça da Bandeira, no Centro e ocupou uma das faixas da Avenida 23 de Maio sentido Aeroporto de Congonhas. Os manifestantes levaram faixas com frases como: “cidade linda é cidade colorida” e filmaram os grafites que restaram. (G1, São Paulo, 2017).

Outros protestos contra o cinza imposto na Avenida 23 de Maio também aconteceram. Balões de tinta colorida foram jogados nas paredes cinza, perto do Viaduto Tutoia, na Vila Mariana. Pichações contra ação do prefeito João Dória e o atual presidente Michel Temer também foram feitas em cima dos muros cinza. Até mesmo um mural de grafite feito por Eduardo Kobra foi pichado. Na pichação aparece uma caricatura do prefeito João Doria pintando com um rolo de tinta cinza uma parte do grafite do Kobra. Essa pichação faz referência às atitudes do prefeito em relação à destruição dos painéis de grafite pela cidade. No final da mesma semana a prefeitura removeu todo grafite, sobrepondo com a cor cinza. Eduardo Kobra em entrevista afirmou que ficou muito triste com a situação e acredita que o mural dele deve ser retirado juntamente com os demais que sobraram. “Os critérios devem ser iguais para todos os artistas”, afirmou Kobra. A figura 26 mostra o grafite de Kobra pichado. A figura 27 mostra a Avenida 23 de Maio pichada como o nome de Dória. A figura 28 mostra muro da Avenida 23 de Maio manchada por balões de tinta.

Figura 27: Grafite do Eduardo Kobra pichado.



Fonte: (Globo G1, 2017)

Figura 26: Muro cinza pichado com o nome de Doria.



Fonte: (Globo G1, 2017)

Figura 28: Muro alvejado por balões de tinta.



Fonte: (Globo G1, 2017)

A justiça por outro lado emitiu uma decisão na qual proíbe o então prefeito João Doria de apagar novos grafites sem a autorização do Conpresp (Conselho municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Paulo). Em caso do descumprimento a Prefeitura será multada diariamente no valor de R\$ quinhentos mil reais. A liminar foi emitida pelo Juiz Adriano Marcos Laroca, da 12ª Vara da Fazenda Pública. Segundo a administração do município, o tema grafismo está ligado com a paisagem urbana e o prefeito poderia executar a ação de remoção, diante da possibilidade de "reorientação administrativa da paisagem de tais bens públicos de uso comum, seguida de simples execução da atribuição própria e ordinária de zeladoria urbana pela administração municipal". A figura 29 mostra a proibição emitida pela justiça.

Figura 29: Proibição Judicial de apagar os grafites.

Justiça proíbe Doria de apagar grafite sem aval de conselho do Patrimônio Histórico e Cultural

Em caso de descumprimento, multa será de R\$ 500 mil diários. Prefeitura de SP diz que o tema é de competência da zeladoria do município e vai recorrer da decisão.



Por Tatiana Santiago, G1 São Paulo
14/02/2017 11h39 - Atualizado 15/09/2017 11h15



• Prefeito João Doria pinta muro que receberá grafites na Avenida 23 de Maio (Foto: Paula Paiva)

Fonte: (Santiago, 2017)

Na ocasião, o juiz Adriano Marcos Laroca, da 12^o Vara da Fazenda Pública, critica as medidas tomadas pelo programa e afirma:

A nova orientação administrativa na organização do espaço urbano público consiste, basicamente, em substituir uma manifestação cultural e artística geralmente de jovens da periferia da cidade de São Paulo por tinta cinza, de gosto bastante duvidoso, e, depois, por jardim vertical. (Santiago, 2017).

O magistrado ainda salienta que as políticas de desenvolvimento urbano e cultural são definidas pelo Estado em conjunto com a sociedade e não pelo governo, como parece crer aquele que age com suas diretrizes. O Juiz afirma:

É de se pensar se tal ação, sob forte recalcamento janista, não seria preconceituosa e autoritária, excludente de expressões culturais que buscam justamente a inserção social e a integração de pessoas com realidades ou experiências tão diferentes, princípios ou valores estes que, necessariamente, deveriam nortear as políticas da cultura e do desenvolvimento urbano. Também é de se ponderar se, ao invés de excluir e marginalizar jovens de baixa renda pelo aumento da proibição, não seria melhor acolhê-los em programas de desenvolvimento de suas habilidades artísticas, afastando-os do crime organizado. (Santiago, 2017).

A prefeitura de São Paulo recorreu e enviou ao poder Judiciário um plano que prevê a ampliação e valorização dos grafites na cidade, além de programas que prevê o encaminhamento de pichadores a prática de artes de rua. Segundo a prefeitura os grafites removidos na Avenida 23 de Maio foram apagados devido ao seu estado precário de conservação. No local será instalado um jardim vertical que cobrirá toda parede onde antes estavam os grafites.

Recentemente em entrevista ao programa diálogos, do Globo News (2018), o atual prefeito João Doria afirma que não avaliou bem a relação dos grafites, pichações e murais da Avenida 23 de Maio. Doria afirma: “não sabíamos o quão próximo era essa relação entre os grafiteiros e pichadores. Pichadores ameaçam os grafiteiros, porque o grafite é arte de rua”; “deveríamos ter melhor avaliado como fazer aquilo”; “deveríamos ter fotografado as artes que estavam pichadas e com eles ter feito o trabalho e não à revelia ainda que as obras estejam pichadas. Avaliamos mal”; “todo aprendizado exige um pouco de dor”. Depois de um equívoco de 15 mil metros quadrados de grafites apagados, João Doria pretende criar uma espécie de museu a céu aberto com grafites em pontos diferentes da cidade. Contudo a afirmação do prefeito já divide opiniões como afirma a matéria do jornal o Globo. De um lado alguns artistas veem a proposta como uma forma de reconhecimento e tentativa do

prefeito dialogar com a classe dos grafiteiros. Do outro lado alguns artistas defendem que o grafite por ser considerado como arte urbana deveria estar presente em toda a cidade.

Apesar do pedido de desculpa e a tentativa de compensar com a criação de um Museu a céu aberto, o prefeito Dória ignora o fato de São Paulo ser o berço do grafite brasileiro e ter reconhecimento mundial no quesito. Por meio de suas ações ele apaga indiscriminadamente dos muros da cidade parte de sua história, como se estivesse apagando um borrão em uma folha. Com esta atitude negativa vinda da cidade gênese do grafite brasileiro como não se preocupar com as demais cidades do Brasil.

CAPÍTULO III

Está presente neste capítulo como se constitui o processo histórico do grafite e da pichação no Recife. Desse modo, foi evidenciado em um primeiro momento, como o grafite, seus grupos e projetos artísticos alteraram as características visuais da cidade do Recife. Em um segundo momento se encontra exposto como a pichação foi utilizada enquanto instrumento de reivindicação, denúncia, comunicação social na cidade.

3 A HISTÓRIA DO GRAFITE E DA PICHAÇÃO NO RECIFE

3.1 A HISTÓRIA DO GRAFITE NO RECIFE

Em Recife a história do grafite se apresenta em dois momentos, o primeiro ocorre nos anos de 1980 e 1990. Neste momento o grafite se caracteriza pela clandestinidade, ou seja, além de não ser permitido, não desfrutava de uma aceitabilidade social, como nos dias atuais. O segundo aconteceu a partir dos anos 2000 onde se tem uma explosão do grafite e conseqüentemente de uma melhor aceitação social. Os primeiros grafiteiros recifenses de que se tem notícia são conhecidos como Olho e Guerreiro, a dupla começou a grafitar no início da década de 1980, influenciados pelo sucesso do filme *Beat Street*, exibido no Cine Ritz em 1984. O filme retratava o movimento *hip-hop* norte-americano. Os dois jovens grafiteiros já tinham o costume de desenhar, contudo ainda não tinham encontrado uma forma de expressão a qual se identificassem, até assistirem ao filme. Olho ajudava seu tio a pintar letreiros na rua e Guerreiro imitava as figuras que um irmão fazia em seu trabalho de torneiro mecânico. Junto a eles vieram outros nomes como: Moacir Lago, Wlad, Russo, Galo de Souza entre outros que também experimentaram o spray há mais de 20 anos.

Com o crescimento do número de grafiteiros espalhados principalmente pelos bairros da periferia do Recife, grupos como: Liberdade de Expressão, Pró-Rua, Seres, M.A.F.I.A., Atitude de Rua, Get Crew, Subfrac e Êxito d’Rua e outros foram criados. Estes dois últimos grupos por sua vez, desenvolveram diversas

intervenções artísticas e sociais por meio de seus grafites e da cultura hip-hop, despertando o interesse por parte do Governo do Estado e da Prefeitura do Recife que em certos momentos financiaram oficinas de grafite, break, hip-hop em escolas espelhadas pela cidade. Idealizado por Galo no ano de 2000, o grupo Êxito d’Rua trabalha por meio do movimento hip-hop: o rap (música), o break (dança) e a grafiteagem (artes visuais), o grupo tem como objetivo a transmissão de mensagens de paz e justiça social por meio de suas atividades.

Por meio do Grafite a cidade do Recife foi contemplada pelo o projeto Wholetrain 2007 Nordeste Tour, que também aconteceu em outras capitais da região. Ele foi criado pelos artistas paulistas Ise e os gêmeos e trouxe ao Recife a proposta de pintar a lateral de todos os vagões de metros do Recife, conforme apresenta a matéria da revista WSCOM, 2007. O projeto teve apoio da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) e a Astronave Iniciativas Culturais. Além dos Gêmeos e Ise, foram selecionados na ocasião outros grafiteiros como: Galo de Souza, o Coyo, Nunca, os alemães Loomit, Peter Michalske, Robert, e outros, para elaboração das intervenções. Os gêmeos afirmam que além da importância social, o evento representa um encontro entre três diferentes escolas de grafite: a escola de São Paulo, a do Nordeste e da Alemanha.

Por meio deste projeto as cores do grafite puderam ser transportadas e observadas por diversas áreas da cidade, contemplado todos que utilizam o transporte público. Segundo os organizadores a ideia era fazer com que as pessoas se sentissem dentro de uma obra de arte e conseqüentemente pudesse observa-las em meio das diversas escalas da cidade. Os temas presentes nestes grafites contemplaram diversas temáticas, como: a cultura da xilogravura, o folclore nordestino, a bandeira de Pernambuco. O projeto também contemplou a gravação de um DVD e pinturas para o grupo Siba e a Fluresta no município de Nazaré da Mata, valorizando a cultura local e seus costumes locais. A figura 30 mostra um dos vagões feito pelo grafiteiro Nunca, SP, em homenagem a musica psicodélica dos músicos: Marconi Notaro, Lula Côrtese e Flaviola.

Figura 30: Resultado final da grafitação realizada por Nunca, SP.



Fonte: Nuncart 2007.

Como forma de propagação da cultura cidade do Recife por meio da arte urbana, o grafite foi utilizado como instrumento temático para decoração canarvalesca no ano de 2017, como apresenta a matéria do Diário de Pernambuco 2017. Na ocasião os artistas: Galo de Souza, Karina Agra, JotaZerOff, Bozó Bacamarte, Manoel Quitério e Coletivo Vacilante, realizaram alguns painéis que depois foram fotografados, vetorizados e depois reproduzidos em tecidos e espalhadas pela cidade. As grafitações estão localizadas na Gerência de Atenção à Saúde do Recife, no Cais do Apolo, no Terminal Marítimo de Passageiros do Porto do Recife, na Escola Municipal de Frevo Maestro Fernando Borges, na Encruzilhada. O Grafiteiro Galo de Souza afirma que a proposta valoriza a arte urbana da cidade e evidencia o seu papel como transformadora dos espaços urbanos. A figura 31 mostra o grafite de Galo de Souza. A figura 32 mostra o mural realizado por Karina Agra.

Figura 31: Grafite para decoração do Carnaval, Galo,



Fonte: Barros, 2017.

Figura 32: Mural realizado por Karina Agra.

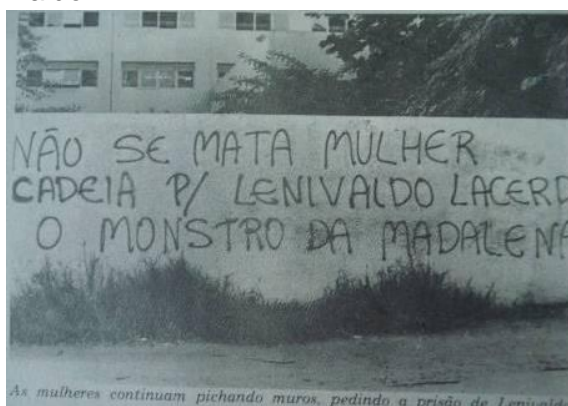


Fonte: Archdaily, 2017.

3.2 A HISTÓRIA DA PICHAÇÃO NO RECIFE

Soares (2012), afirma que as pichações são de caráter político faziam parte do cenário urbano da cidade do Recife nas décadas 1970 e 1980. O uso de pichações com intuito de reivindicar propósitos políticos e direitos civis marca a história dos muros da cidade do Recife, conforme mostra a figura 33.

Figura 33: Pichação exigindo a prisão do acusado Lenivaldo.

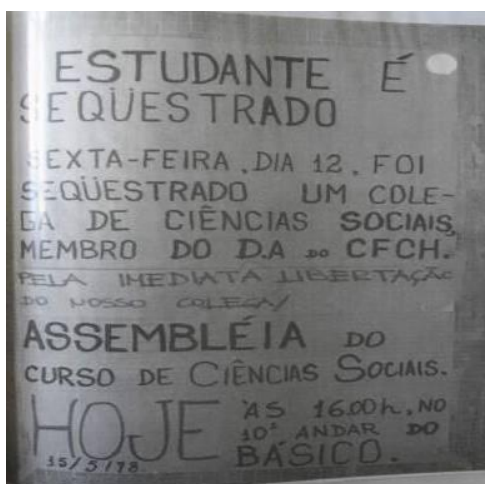


Fonte: Hemeroteca – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, apresentando por Soares 2012, p. 34.

O autor ainda salienta que como instrumento de expressão dos registros cotidianos, ou como uma forma de reivindicar a libertação de militantes de movimentos contra ditadura, às pichações foi uma forma utilizada pelos os setores sociais, como: trabalhadores, estudantes, operários e intelectuais, como a mostra a figura 34. Nessa situação esta pichação aconteceu nos muros do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), no centro do Recife, e seu conteúdo apontava para o sequestro de um aluno, Edval Nunes da Silva Cajá. Ele foi membro da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife, integrante da Pastoral da

Juventude Católica, estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco, fez parte do Setor Jovem do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido de oposição á ditadura; também foi militante do Movimento Estudantil Secundarista que, aliado com outros estudantes, participou de uma passeata e realizou pichações contra o imperialismo estadunidense, que através do projeto Aliança Para o Progresso exercia influência na educação brasileira.

Figura 34: Pichação que denuncia a prisão de Cajá.



Fonte: Acervo Pessoal de Edval Nunes da Silva Cajá, apresentada por Soares, 2012, p. 46.

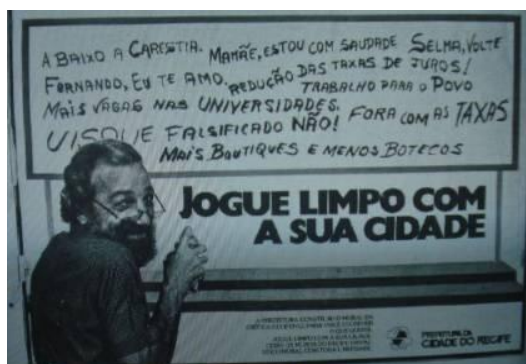
Dessa forma em 12 de maio de 1978 Edval Nunes foi sequestrado por agentes da polícia federal de Pernambuco, preso, torturado e mantido incomunicável por alguns dias. Enquanto Cajá esteve preso pichações foram utilizadas como um instrumento para denuncia de sua prisão e mobilização pessoas em prol de sua libertação. Essa mobilização aconteceu em um momento de grande resistência contra ditadura e luta por aprovação da Lei da Anistia política que previu reverter punições aos cidadãos brasileiros que entre os anos de 1961 e 1979 foram considerados criminosos políticos pelo regime militar. Nessa ocasião essa manifestação ocorrida em 22 de dezembro de 1978, reuniu aproximadamente duas mil pessoas no Morro da Conceição, bairro de Casa Amarela, Recife, PE.

A pichação também foi utilizada para denunciar problemas de segurança pública em Recife. Nessa situação a matéria “Recife escuro, ladrões a solta” de 23 de fevereiro de 1983 evidencia o problema de precariedade da iluminação pública. Na matéria o jornal fez referência a uma pichação que se encontrava na Avenida Mario Melo e a

Rua da Aurora. Na localidade existia a seguinte frase: “Convidamos toda a população para assistir todas as noites, na Rua da Aurora, o maior exercício de guerra, Super Black-out; o maior desde a Segunda Guerra. Patrocínio: a Prefeitura”. Essa pichação serviu como forma de evidenciar a precariedade da iluminação pública que acarreta em um aumento no número de assaltos nas imediações. Outras revogações, por meio de cartas enviadas ao jornal Diário de Pernambuco e abaixo-assinados direcionados a prefeitura do Recife acentuaram a crítica em relação à condição precária da iluminação recifense. Na época o jornal Diário de Pernambuco procurou saber que medidas seriam tomadas pela secretaria de Obras da Prefeitura do Recife, que reconheceu o problema e anunciou que a Divisão de Eletricidade previa resolver o problema entre o final de fevereiro e início de março no mesmo ano, onde geradores recém-adquiridos seriam instalados para amenizar a situação. Dessa forma foi possível observar como as pichações, cartas e abaixo-assinados contribuíram para que a Divisão de Eletricidades da cidade do Recife buscasse medidas para solucionar a precariedade da iluminação pública. (SOARES, 2012).

Ainda segundo o autor as pichações também foram utilizadas como proposta democrática favorável à mudança do cenário político após a ditadura militar na gestão do prefeito Gustavo Krause, em Recife. A proposta foi incentivar o que seria um canal de comunicação, onde a população pudesse expressar a sua opinião. Estes murais da crítica, como foram chamados, foram construídos em espaços de grande visibilidade e fluxos de transeuntes. Nos murais qualquer pessoa poderia pichar ou grafitar sem nenhuma penalidade. Foram construídos 17 murais que em vários espaços da cidade, como: Av. Agamenon Magalhães, Rua da Aurora e Av. Mário Melo. A figura 35 mostra uma propaganda educativa para utilização dos murais. A figura 36 mostra um exemplo de um dos murais da crítica.

Figura 35: Propaganda educativa para utilização dos murais da crítica.



Fonte: Hemeroteca – APEJE. Diário de Pernambuco, apresentando por Soares 2012, p. 131.

Figura 36: Mural da crítica 1980, local desconhecido.



Fonte: Acervo Iconográfico - Museu da Cidade de Recife, apresentando por Soares 2012, p. 131.

No ano de 2004, um grupo de grafiteiros chamado Êxito d’Rua liderado e idealizado por Galo de Souza, juntamente com outros grafiteiros, Anêmico e Evil, realizam uma pichação no edifício mais alto do centro do Recife, o edifício Juscelino Kubitschek. No protesto criticava o abandono da edificação há mais de três anos e a não possibilidade de utilização para outros fins, como habitação. Naquele momento a cineasta Cecília Araújo estava gravando um documentário sobre o grupo Êxito com apoio das leis de incentivos à cultura promovida pelo Estado de Pernambuco e o município no Recife quando o grupo foi preso em flagrante. Após o pagamento da fiança feito pela equipe de filmagem, o grupo foi liberado. Com essa atitude vinda de um grupo de grafiteiros, evidencia o quão próxima é a relação do grafite e da pichação como forma de reivindicar e denunciar situações sociais.

Moura (2014) as pichações em Recife seguem uma trajetória semelhante aos exemplos do Rio de Janeiro e São Paulo. Isso acontece devido à similaridade dos

contextos, sociais, econômicos e históricos nos quais a cidade do Recife esteve inserida. Desse modo, hoje observamos nas paisagens do Recife, os reflexos e reformulações de outros momentos históricos evidenciados por estas inscrições realizadas nas paredes, como também os mais diferentes interesses e marcas da existência humana expressa no espaço urbano.

Ainda segundo o autor em Recife, os primeiros registros sobre a prática do grafite e da pichação referente à escrita com “X”, onde indivíduo que por meio de uma tag se apropria do espaço urbano representando a si mesmo e também sua galera ou comando, como costumam chamar, se inicia mais especificadamente nos anos de 1984 e 1985. Nesse período os gêmeos Cane e Well tiveram destaque na prática da pichação. Segundo entrevistas concedidas ao autor os pichadores falam sobre a possibilidade de já existirem em Recife outras pessoas que tinham o costume de escreverem seus nomes em diferentes suportes da cidade. Contudo esses dois pichadores se destacam pela grande quantidade de propagação do seu picho. Desse modo, fica evidente que sem a ação dos dois pichadores o cenário da pichação recifense levaria mais tempo para tomar as proporções que tomou.

Os dois pichadores Cano e Well saíram de Recife em 1982 para o Rio de Janeiro, onde lá conheceram a prática da pichação. A passagem dos dois pichadores durou apenas dois anos, retornando ao Recife onde começaram a disseminar de forma efetiva suas pichações, como podemos observar na entrevista abaixo:

Foi em 1984. A gente saiu daqui em 1982 pro Rio, aí a gente já pixava lá. Eu comecei pixando “Sangue”, só que eram muitas letras né, aí fui reduzindo, botei “Beto” aí já tinha um Beto lá, aí não ficou. Aí comecei a colocar “Cano” bem simplesinho e tal, aí ficou. Ele (aponta para Well) começou com “Nado” que o nome dele é Ronaldo o meu é Roberto aí “Beto” e ele “Nado” aí já tinha. Tinha Nado, Natos, aí pronto. Aí daí começou lá, tudinho. Lá na cera (lápis de Cera) o pessoal lá já arrebandando, já subindo, spray. Aí a gente não conhecia ninguém. Só sei que a gente ia pichar lá aí praticamente, oxe, ninguém conhecia (Moura 2014).

Como já afirmado acima, os pichadores apontam para a possibilidade da existência de outras pessoas que riscavam os muros. Contudo a prática adquirida na capital

carioca construiu uma matriz tipográfica das letras que é vista até hoje na cidade do Recife. Outros pichadores também fizeram parte desse cenário inicial da pichação no Recife, como o caso do pichador Anêmico que veio de São Paulo. Na época ninguém utilizava o rolo para fazer pichação, então quando ele e outros colegas começaram a utilizar a escrita *tag* reta e a praticas da escalada em grandes proporções, se desenvolve outro momento no cenário da pichação em Recife. Como afirma anêmico:

Então. É, A gente trouxe pra cá pra pixação de Recife e o rolinho, que ninguém pixava de rolinho na época. Então, a gente começou a botar altos nomes de Rolinho e a galera que não tava muito ligada começou a achar “que porra é essa? Bagulho de vereador é, de político?” porque sempre tinha uma frase assim que a gente lançava. Não era só colocar o nome pelo nome. A gente colocava o nome e buscava os pensamentos da galera nas frases. Eu acho que a gente ficou bastante conhecido porque aqui em Recife a galera é muito a linha do Rio de Janeiro, àquela pichação enrolada né, os eventos de baile funk. Então eu trouxe essa mistura o Sudeste pra cá, que é pixar de rolinho e colocar as letras mais legíveis. Então desde o trabalhador que tá pegando o busão pra ir tramar, até o cara que é da rua ali que tá envolvido ele então sacava aquilo ali. Então teve um impacto bem forte nesse sentido assim [...] (Moura 2012).

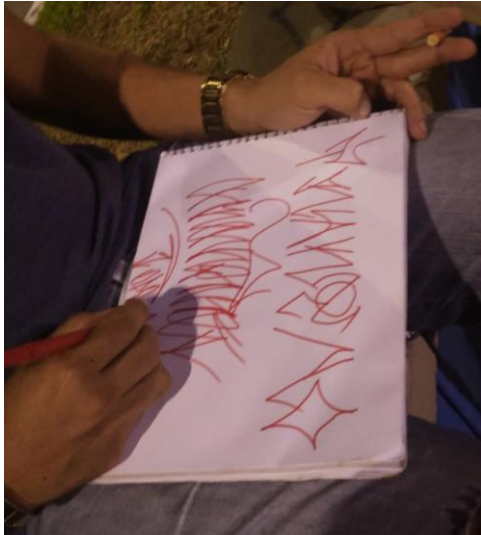
Hoje no Recife temos uma variedade no que se diz respeito à tipografia das letras da pichação. Apesar das fortes influencias da matriz carioca e da introdução da técnica do rolo vinda de são Paulo, no Recife ainda possuem praticantes que vieram de outros lugares como, por exemplo, Natal e Fortaleza. Dessa forma se tem uma mescla de estilos, onde muitos dos pichadores apresentam duas formas de pichar, uma que tende a ser mais ilegível marcada pelo rebuscamento das letras e outra apresenta uma *tag* ou pixo mais legível, evidenciado a mensagem escrita. As figuras 37 e 38 mostram os pichadores, Cano e Pus no evento: Encontro das tintas, promovidos pela secretaria de Direitos Humanos da prefeitura do Recife, no Viaduto da Agamenon Magalhães. As figuras 37 e 38 mostram pichadores assinando suas tags. A figura 39 apresenta um pichador assinando sua *tag*. A figura 40 mostra as *tags* de diversos pichadores.

Figura 37 Figura 38: Pichadores pichando suas tags.



Fonte: Morais, 2014, p. 102.

Figura 39: Pichador assinando sua tag.



Fonte: Josiel Carneiro, 2018.

Figura 40: Tags de pichadores do Recife.



Fonte: Josiel Carneiro, 2018

CAPITULO IV

4 A FUNÇÃO SOCIAL DO GRAFITE E DA PICHAÇÃO NO BAIRRO DO RECIFE: CONSENSOS E DISENSOS.

Neste capítulo encontra-se exposto o histórico de transformações históricas que aconteceram no Bairro do Recife em função das suas potencialidades, como os grafites e as pichações se estabeleceram enquanto dinâmica social do bairro, além dos resultados relacionados à pesquisa empírica.

4.1 O BAIRRO DO RECIFE ANTIGO

O bairro do Recife consiste no objeto de estudo empírico desta pesquisa, pela diversidade de grafites e pichações nele presentes. Os motivos que levaram a escolha deste bairro se deram pelo interesse em entender os grafismos contemporâneos que estão presentes nas edificações e muros do bairro do Recife. Bairro este que anteriormente era um dos principais portos da colônia Portuguesa. Porém nos dias atuais têm em suas paredes como um livro aberto, a presença de escrituras, imagens, marcas e símbolos com um tipo de comunicação que levanta questionamentos sobre suas formas.

Tombado em 1998 pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) o bairro do Recife Antigo é destaque pela diversidade arquitetônica, com presença de diferentes padrões urbanos em sua área. Entre os bens tombados estão igrejas, palácios, fortalezas, conventos, prédios, conjuntos urbanos e várias outras obras que testemunham as diferentes fases e aspectos da capital pernambucana que sofre suas primeiras transformações urbanísticas no início do século XX. Estas transformações que tinham como fim o melhoramento do porto, ocasionaram uma drástica mudança na estrutura física do bairro do Recife Antigo. Com demolições de um terço de seus edifícios e aberturas de rua e avenidas, o bairro do Recife se modifica aos modos de uma reforma parisiense.

Outras transformações contribuíram para que o bairro do Recife Antigo chegasse a ter a estrutura física e social dos dias atuais. Dentre elas, podemos destacar o esvaziamento dos seus moradores, ocasionados pelo declínio da área portuária nos anos de 1930 e o processo de metropolização dos anos de 1960 e 1970 que seguindo as lógicas do mercado imobiliário criou novos eixos de habitação destinada à classe média que morava no centro do Recife. Aliado ao setor de comércio e serviços especializados, bairros como Espinheiro, Casa-forte e Boa Viagem receberam novas edificações verticais que despertam o interesse desses moradores, contribuindo fortemente para que o centro urbano deixasse de ser uma área residencial, o que favoreceu a perda da identidade do centro histórico.

Na busca de reverter esse quadro de precariedade do bairro do Recife Antigo algumas medidas foram tomadas e desse modo a prefeitura do Recife promoveu o “Plano de Reabilitação do Bairro do Recife”; este projeto se justificou pela necessidade de recuperar a população residente e a degradação física da área. O plano previa a reabilitação de suas estruturas históricas e a promoção social aliado à participação popular. Contudo, o que se viu, foi à recuperação do bairro apenas através da pintura das fachadas dos sobrados, financiado por parcerias público privadas, sendo que uma das ruas que mais se viu beneficiada foi a Rua do Bom Jesus.

Moura (2014) afirma que a partir da década de 1970 se deu o processo de percepção do potencial econômico do bairro do Recife, voltado ao mercado turístico. Esse processo ocorreu devido ao seu sítio eclético arquitetônico e o acúmulo histórico. Desse modo abrem-se possibilidades para novas perspectivas de usos visando o consumo cultural e turístico.

Com intuito de revitalizar a antiga área central, a prefeitura lança em 1993 o Plano de Revitalização do Bairro do Recife Antigo. Contudo o plano só prioriza a área econômica das propostas do plano anterior, pintando novamente apenas fachadas dos casarios antigos. Essa ação foi pensada com intuito de oferecer a manutenção em edificações específicas devido e a existência do interesse da Prefeitura do Recife em fomentar o setor turístico do bairro, porém, esse enfoque econômico gerou inúmeros debates sobre o viés a ser tomado, pois, se por um lado a Prefeitura do

Recife optava por investimentos no setor turístico, por outro lado, a Associação Comercial de Pernambuco procurava estimular o desenvolvimento econômico através das atividades portuárias.

Após a formalização de normas a partir da Lei 16.290 em 1997, as atividades de revitalização previstas nos planos anteriores foram asseguradas. Desse modo após a aprovação desta lei, novas condições especiais para o uso e ocupação do solo transformam drasticamente a dinâmica do bairro do Recife Antigo. Com incentivo do governo do estado é aprovado no projeto “Porto Digital Empreendimentos Ambientais e tecnológicos” no ano de 2000, através de investimentos públicos e empresas privadas, este empreendimento trouxe uma maior efetividade no processo de reabilitação do centro histórico. Com custos relativamente baixos para adquirir os imóveis, essas empresas impulsionam outros investimentos e manifestações culturais voltados para novos grupos sociais que se instalaram na localidade, em função das mudanças ocorridas. Com investimentos diversos, tanto na área de tecnologia, como econômica e de infraestrutura, o bairro do Recife sofreu um elevado e rápido processo de valorização que em certos aspectos não contemplou as camadas mais populares do bairro como afirma, Nery e Castilho (2008). Dessa forma, deve se questionar qual a lógica deste processo de revitalização que não consegue conciliar seus diversos interesses econômicos e produzir um espaço socialmente integrado com as classes mais populares existentes no bairro do Recife.

4.1.1 O bairro do Recife: entre os grafites e pichações

Em meio às temporalidades arquitetônicas dos diversos períodos e as transformações físicas e sociais da realidade do bairro do Recife Antigo, os grafites e as pichações se expressam em muitos dos edifícios do bairro. Como janelas para outras realidades, estas imagens e letras se sobrepõem as fachadas, muros, superfícies ou qualquer outro aparato físico, como um bombardeio de cores, informações, símbolos e signos que passaram a gerar questionamentos sobre sua natureza, o porquê da grande concentração naquele local, qual a necessidade e a função social que estes elementos agregam a localidade, visto que em outras áreas da cidade a proporção é infinitamente menor. Sendo assim, a partir destes questionamentos justifica-se a necessidade de aprofundar essa pesquisa empírica

no bairro do Recife Antigo, com intuito de melhor discutir, investigar, valorizar, bem como, compreender seus processos sociais ali instalados. As figuras 41, 42, 43, 44, 45 e 46 mostram alguns tipos de grafites e pichações existentes no bairro.

Figura 41: Grafites da Rua Mariz e Barros.



Fonte: Josiel Carneiro

Figura 42: Rua Barão R. Mendes, Bairro do Recife



Fonte: Josiel Carneiro

Figura 43: Rua Mariz e Barros, Bairro do Recife.



Fonte: Josiel Carneiro.

Figura 44: Rua da Moeda, Bairro do Recife.



Fonte: Josiel Carneiro.

Figura 45: Travessa Tuyuty.



Fonte: Josiel Carneiro

Figura 46: Avenida Marquês de Olinda.



Fonte: Josiel Carneiro

Os grafites e as pichações do bairro do Recife apresentam em seus conteúdos as mais diversas informações. Dessa forma são explorados temas como: denúncias sobre condições sociais, acontecimentos passados, valorização da cultura popular da cidade e divulgação da própria arte de rua. Em sua maioria os grafites e as pichações estão distribuídos pelas fachadas e muros do bairro de maneira espontânea, muitas destas intervenções são realizadas sem o consentimento dos proprietários, pois, muitos desses imóveis se encontram em estado de abandono. Por outro lado, podemos destacar também a presença de intervenções que ocorrem de forma autorizada, como os grafites do Bozó Bacamarte e do Jotazeroff, localizados na Rua Cais do Apolo, como tantos outros artistas desconhecidos. As figuras 49 e 50 apresentam os grafites que compuseram a decoração do Carnaval do Recife, no ano de 2017. As figuras 47, 48, 49, 50, e 51 ilustram algumas temáticas dos grafites e pichações existentes no bairro do Recife.

Figura 47: Grafite do artista Jotazeroff.



Fonte: Josiel Carneiro, 2018.

Figura 48: Grafite do artista Bozó Bacamarte.



Fonte: Josiel Carneiro, 2018.

Figura 50: Rua Barão R. Mendes, Bairro Recife .



Fonte: Josiel Carneiro, 2018.

Figura 49: Grafite de Loba, Bairro do Recife.



Fonte: Josiel Carneiro, 2018.

Figura 52: Travessa Tuyuty.

Fonte: Josiel Carneiro, 2018.

Figura 51: Rua da Moeda, Bairro do Recife.

Fonte: Josiel Carneiro, 2018.

Apesar de estarem distribuídas por todo o bairro do Recife, estes grafites e pichações também são encontrados de modo massivo em áreas específicas do bairro, dessa forma, se concentram entre: o Cais do Porto e o Paço Alfandega na parte sul do bairro; sendo distribuídos pela: Rua da Moeda, Rua dos Arrecifes, Rua Alvarez Cabral, Avenida Barbosa Lima, Travessa Amorim, Travessa Tuyuty, Rua da Assembleia, Rua Tomazina, Rua Matriz Barros, Rua Dona Matriz César, Rua da Guia, Rua do Apolo, Rua do Amorim. Outras localidades como a Rua Cais do Apolo, a Rua Barrão de Rodrigues Mendes, e as proximidades da Praça do Arsenal também apresentam grafites e pichações, porém em menor quantidade. A figura 53 mostra onde se concentra a maior parte dos grafites e pichações o mapa do Bairro do Recife.

Figura 53: Mapa ilustrativo dos locais onde se concentram os grafites e pichações, no Bairro do Recife.

Fonte: Google, 05 de maio, editado pelo autor, 2018.

O bairro do Recife também foi palco do primeiro festival do “Recifusion”, evento este que pretende contribuir para o reconhecimento artístico e social do grafite na cidade do Recife. O festival teve início no ano de 2009 como uma comemoração entre amigos, ou seja, a partir de um encontro de grafiteiros que ocorreu no centro, decidiram fazer o festival. A partir de então, no decorrer dos anos o evento tomou novas proporções sendo até reconhecido internacionalmente, conforme apresenta a matéria sobre a oitava edição do festival internacional “Recifusion”, divulgada pelo jornal Diário de Pernambuco no ano de 2016. A cada edição, o festival apresenta novas temáticas abordadas e lugares para realizações de painéis de grafites e ações que vão desde execução de oficinas a palestras e seminários. Nesta oitava edição do festival o evento trouxe o tema “Do Caos à lata”, numa alusão aos 50 anos do nascimento de Chico Science.

Porém, apesar de cada vez mais, essas expressões artísticas irem se consolidando no bairro, se faz necessário compreender a função social do grafite e da pichação, se essas formas de expressão artística são consideradas arte, ainda mais no bairro do Recife antigo, bairro histórico da cidade, e o principal local escolhido pelos grafiteiros e pichadores.

4.1.2 Metodologia

Para alcançar os objetivos da pesquisa, foram coletadas informações, com três grupos distintos de pessoas, sendo eles: frequentadores do bairro, público online e grafiteiros e pichadores. Nos dois primeiros grupos se buscou identificar se a população de uma forma geral, reconhece o grafite e a pichação como arte e qual a função social desempenhada por esse tipo de expressão artística, além de saber as opiniões dessas expressões no bairro do Recife. Já com o terceiro grupo, se buscou entender o perfil dos grafiteiros e pichadores e entender melhor o universo que cercam essas pessoas. Os respectivos grupos encontram-se descritos a seguir.

O primeiro grupo diz respeito aos frequentadores do bairro, os quais se distinguem no seguinte público: frequentadores diários, turistas, trabalhadores e moradores do Bairro do Recife Antigo, ao todo foram realizadas 40 entrevistas que aconteceram entre os dias 08 à 12 de maio de 2018, em períodos alternados (manhã e tarde),

dias de semana e finais de semana, com o objetivo de abranger o mais diversificado público possível. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Apêndice A) e apresentadas imagens ilustrativas de grafites e pichações presentes no bairro do Recife, onde se buscou relacionar o roteiro de entrevista com as ilustrações e obter a opinião dos entrevistados sobre as mesmas, inclusive para saber se as pessoas saberiam identificar o que são grafites e pichações, e o seu pensamento a respeito das mesmas. As figuras 55, 56, 57, 58, 59 e 60 a seguir, apresentam tipos de grafites e pichações distintos, mostram as figuras apresentadas nas entrevistas.

Figura 55: Grafite do grafiteiro Eduardo Kobra, **Figura 54:** Grafite do grafiteiro Speto, SP. SP.



Fonte: Desconhecida



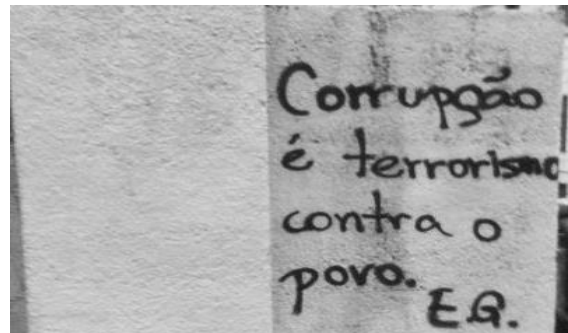
Fonte: Desconhecida

Figura 56: Grafites.



Fonte: Desconhecida

Figura 57: Pichação protesto.



Fonte: Desconhecida

Figura 58: Pichações do Bairro do Recife.



Fonte: Josiel Carneiro, 2018.

Figura 59: Assinaturas de pixadores.



Fonte: Desconhecida.

Com o intuito de alcançar um número maior de opiniões acerca dos grafites e das pichações, foi elaborado também um questionário online. Com questões abertas e fechadas (Apêndice B), o qual foi elaborado e divulgado, por meio de redes sociais (Facebook e Whatsapp), entre os dias 13 de maio a 20 de maio de 2018. Ao todo, 168 pessoas responderam ao questionário, que serão chamadas aqui neste trabalho de público online.

Cabe destacar que, a intenção de abordar a pesquisa em dois grupos justifica-se pelo fato de que, com o grupo de entrevistados pode se ter a oportunidade de um contato direto, já que são frequentadores do bairro e, sendo assim, tem uma vivenciam direta com o local, permitindo um maior diálogo entre pesquisador e entrevistados no intuito de poder dialogar a cerca do seu pensamento sobre os grafites e pichações, diferente do grupo do público online, que são pessoas que não vivenciam cotidianamente o bairro como os usuários, mas permitiu que um número maior de pessoas emitissem as suas opiniões.

O terceiro e último grupo constituíram-se de grafiteiros e pichadores, que se expressam no Bairro do Recife Antigo, através de entrevistas realizadas entre os dias 08 a 21 de maio de 2018. Ao todo, foram, três grafiteiros e cinco pichadores que têm intervenções no Bairro do Recife Antigo, sendo estes, dos mais diversos perfis, técnicas e tempo de experiência. Estas entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado (Apêndice C) que almejou compreender como se constitui o papel social tanto do grafiteiro, quanto do pichador, o tempo estão inseridos na atividade e como ocorre a relação entre grafiteiros e pichadores, já que ocupam e dividem o mesmo espaço: as ruas.

4.2 GRAFITE E PICHANÇA: A ARTE URBANA DA CONTEMPORANEIDADE

Um dos objetivos da pesquisa foi verificar se o grafite e a pichação são vistos como arte pela sociedade do Recife. Desse modo, a maioria dos frequentadores do bairro considera o grafite enquanto arte e forma de expressão artística contemporânea. Com base nas imagens mostradas, afirmaram que o grafite tem a intenção de transmitir informações, expressar sentimentos, educar e promover a arte de rua. Também acreditam que, por meio dessas intervenções os espaços urbanos podem ser recuperados e reintroduzidos ao meio social.

O quadro a seguir, apresenta os principais comentários dos entrevistados à respeito dos grafites mostradas nas entrevistas.

Tabela 1: Os grafites apresentadas nas entrevistas com os frequentadores do bairro.

	<p>Tem a intenção de expressar algum sentimento e comunicar. Por meio de suas cores ele dá vida para este local.</p>
	<p>Suas figuras mostram um sentimento de leveza, trazendo uma sensação agradável.</p>



Apesar da não compreensão do que está escrito, suas formas, cores e expressão informam algo.

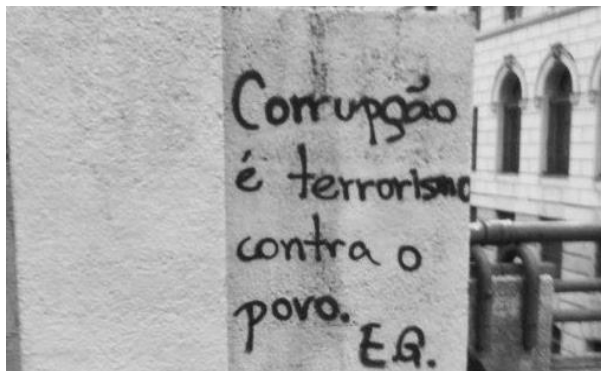
Fonte: Elaborada pelo autor.

Contudo, diferente do grafite, a pichação não foi considerada enquanto arte e forma de expressão artística contemporânea. Nas falas da maioria dos entrevistados, evidenciaram que a pichação tem um caráter vandálico e criminal, e sendo assim, não pode ser considerada arte. Outro fator evidenciado pelos usuários do bairro é o caráter visual e a não compreensão das tipografias da maioria das pichações existentes no bairro.



Por outro lado, quando apresentando figuras de outros locais com outros tipos de pichações como: as pichações de protesto ou poemas, alguns entrevistados afirmaram compreender a ação, como forma de expressão que busca criar algum tipo de reflexão, podendo assim ser considerada como arte.

O quadro a seguir, apresenta os principais comentários dos entrevistados a respeito das pichações mostradas nas entrevistas.

Tabela 2: Mostra as pichações apresentadas aos frequentadores do bairro.



Apesar de não considerar uma forma correta de se expressar, sua mensagem nos faz pensar sobre a situação do Brasil.

	<p>Sua forma lembra as pichações, mas de forma organizada. Não acho que seja considerada arte.</p>
	<p>Não apresenta nenhuma mensagem ou informação, só destrói e vandaliza o local.</p>

Fonte: Elaborada pelo autor.

Quanto à resposta do público online, através do questionário, também se confirmou a unanimidade do grafite enquanto arte: 96,4% dos pesquisados responderam que consideraram que o grafite é arte. Ao perguntar o porquê do grafite ser considerado arte, as respostas que mais apareceram se reportaram ao grafite ser uma expressão artística, que apresenta cores, emoções, beleza, reflexão social. Em curtos depoimentos os internautas fizeram as seguintes afirmações sobre o grafite:

É uma expressão gráfica produzida por um indivíduo que tem por intenção produzir algo artístico, questionando o lugar da arte como elitizado, trazendo a presença da arte para o cotidiano de mais cidadãos. (Questionário online, 2018).

Por expressar artisticamente de forma ampla, aberta e socialmente questões instigantes ou por dar uma nova expressão visual aos ambientes onde a arte é aplicada. (Questionário online, 2018).

Acredito q seja idêntico à pintura em um quadro, só que a tela são os muros da cidade e termina por embelezar a cidade. Diferente da pichação. (Questionário online, 2018).

Porque é uma forma de expressão da subjetividade e instrumento de promoção de transformação social.

Porque expressa artisticamente os valores sociais, culturais e políticos de parcelas da sociedade, geralmente excluídas da mídia. (Questionário online, 2018).

Quanto à pichação, por sua vez também não foi considerada como arte por maior parte dos pesquisados online: 63,7% responderam que não é arte. Em suas justificativas afirmaram que: “Vandalismo, não embeleza a cidade, trás prejuízo ao proprietário da edificação que na maioria das vezes não está de acordo com a utilização de seus muros”. Contudo 36,1% dos votos mostraram que a pichação pode sim, ser considera como arte, como mostra a justificativa a seguir:

Pois da mesma forma que o grafite, é uma expressão das emoções do grafiteiro. A pichação também é expressão do pichador, com a diferença de que essas emoções são mais complexas e não são para todos. O grafite quer ser admirado por quem passa na rua, a pichação faz sentido somente dentro de determinados grupos. É uma arte egoísta, mas não no mal sentido. O pichador quer ser mais, maior, mais alto, ele se põe na *tag*, é também uma extensão de seus sentimentos. Mas complexos e socialmente delicados eu diria, pois se trata de busca de reconhecimento, aceitação e inserção em um grupo social (Questionário online, 2018).

Dessa forma se tem dois discursos sobre a questão da pichação enquanto arte: Se por um lado a pichação é simplesmente vista como um ato transgressor que viola a propriedade alheia e não traz nenhum valor efetivo, por outro lado, é vista como uma forma de expressão e comunicação que envolve outras questões como: reconhecimento, aceitação e visibilidade em meio a um grupo social.

Os gráficos a seguir, mostram os resultados da pesquisa online, com os respectivos percentuais sobre a opinião do grafite e pichação enquanto arte.

Figura 60: Gráfico 01 Você considera o grafite arte?

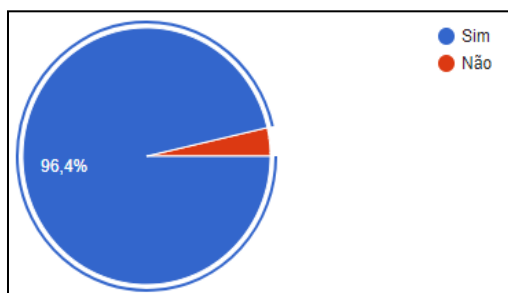
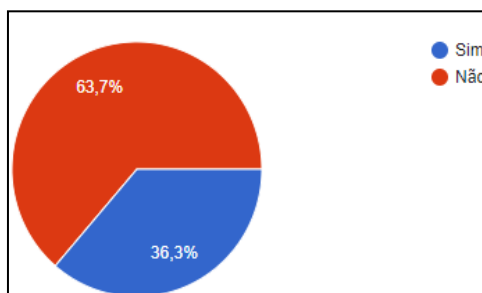


Figura 61: Gráfico 02 Você considera a pichação arte?



Fonte: Pesquisa online, 2018. (o autor)

4.2.1 Grafites e pichações: Os espaços urbanos ao bairro do Recife.

Outro aspecto levantado foi saber se os frequentadores e a população online concordam com o modo que os grafites e as pichações ocupam os espaços urbanos. Os frequentadores do bairro de uma forma geral concordam com essas formas de expressão nos espaços urbanos. No entanto, em suas falas não concordam com o modo pelo qual a pichação se insere no espaço urbano. Em seus depoimentos evidenciam que sua prática é um crime contra a propriedade pública ou privada.

No questionário online, 79,2% dos pesquisados aprovam como o grafite se apropriam dos espaços urbanos, os quais destacam os seguintes depoimentos:

Porque o grafite é uma resposta, um grito a tudo que se é vivido na cidade, com isso, é importante sua expressão nos espaços urbanos, pois, tornam a cidade mais viva e mais "falante" do jeito que se vive. (Questionário online, 2018).

Se um espaço tem um grafite relatando uma situação tensa, como desigualdade e violência, aquilo serve como uma forma de denunciar, mas não tem o poder de influenciar os governantes que por lá passam. Quanto aos cidadãos, pelo menos na minha visão, um grafite apenas torna aquele ambiente mais impessoal e me passa uma sensação de insegurança. (Questionário online, 2018).

A rua é pública. A partir do momento em que um outdoor é colocado naquele determinado lugar sem a autorização de todos, porque uma arte não pode ser exposta ali também? (Questionário online, 2018).

Quanto às pichações, 67,9% não concordam como as mesmas ocupam os espaços urbanos. Os relatos dos pesquisados online apontam as diversas perspectivas na forma de ver as pichações nos espaços urbanos.

Concordo mas não por completo. A pichação é um grito daqueles que não são ouvidos pela sociedade, e todo grito gera ruído e é incômodo pra quem tá "de fora". (Questionário online, 2018).

Porque ela quebra a "beleza estética" que há nos ambientes, causando desinteresse na rua em quem anda pela rua. (Questionário online, 2018).

Eu tenho dificuldade com a forma como essa pergunta foi colocada. Pq não é pelo fato de eu não apreciar determinada forma de expressão que considero elemento suficiente para coibir a sua propagação e existência. Acho válida a forma de expressão, mas às vezes acho triste a forma como a pichação às vezes acaba deteriorando patrimônios públicos que deveriam ser preservados. (Questionário online, 2018).

Os gráficos 03 e 04, mostram os resultados do grafite e da pichação nos espaços urbanos.

Figura 62: Gráfico 03 Você concorda com a forma com que o grafite se apropria dos espaços urbanos?

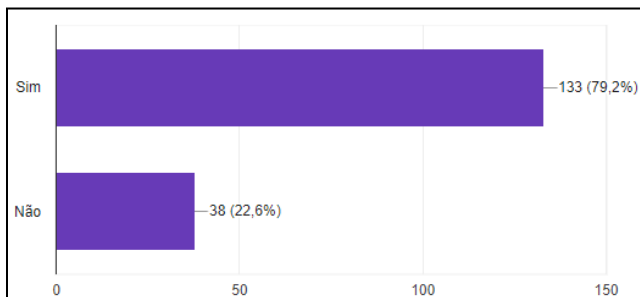
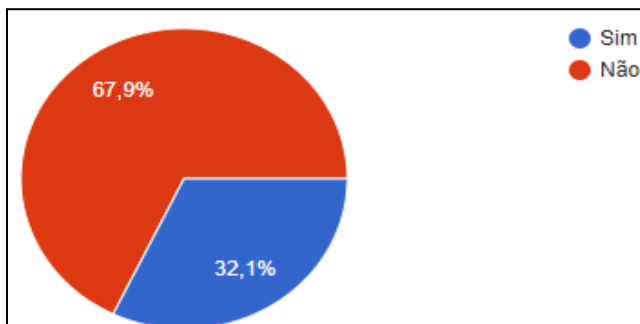


Figura 63: Gráfico 04 Você concorda com a forma que a pichação se apropria dos espaços?



Fonte: Pesquisa online, 2018. (o autor)

Outro fator verificado foi se os frequentadores entrevistados concordam com os grafites no Bairro do Recife e, a maioria, se mostrou receptivo com a ação dos grafiteiros, conforme apresenta o gráfico 05.

Porém, alguns entrevistados destacam o excesso de grafite existentes em algumas áreas do bairro, como nas imediações do Passo Alfundega. Outro fator a ser evidenciado é que como a maior parte destes grafites estão sobrepostos sob as fachadas de edifícios abandonados e com alto grau de degradação, tem sua qualidade visual danificada, causando uma impressão de descaso ainda maior. As figuras 64, 65, 66 e 67 mostram exemplos de grafites e fachadas degradados.

Figura 65: Rua da Assembleia, Bairro do Recife.



Fonte: Josiel Carneiro, 2018.

Figura 64: Rua do Apolo, Bairro do Recife.



Fonte: Josiel Carneiro, 2018.

Figura 67: Rua do Apolo, Bairro do Recife.



Fonte: Josiel Carneiro, 2018.

Figura 66: Travessa Tuyuty, Bairro do Recife.



Fonte: Josiel Carneiro, 2018.

Sobre as pichações existentes no bairro, muitos entrevistados não aprovam sua existência. Afirmam que sua estética prejudica tanto a visualidade da construção, quanto sua integridade física. Salientam também que deveria se ter um combate mais efetivo tanto da limpeza, quanto da ação dos pichadores. Quando questionados sobre a pichação em imóveis abandonados e degradados, a maioria dos entrevistados destaca que estas pichações acentuam ainda mais o grau de abandono do imóvel, evidenciando sua posição de abandono.

No questionário online, os resultados apontam que 67,3% dos pesquisados concordam com a permanência dos grafites no Bairro do Recife. Contudo, salientam que o pedido de autorização aos proprietários dos imóveis se torna indispensável para realização do grafite. Sobre esta questão vale ressaltar que maioria dos grafites e outras intervenções como: lambes-lambes⁷, realizadas no bairro do Recife, não apresenta o consentimento do proprietário. Essa ação é uma atividade comum entre os grafiteiros e foi por meio desta, que o grafite se desenvolveu ao longo da história, atingindo unanimidade enquanto arte.

Entre outros aspectos, os depoimentos dos pesquisados online, afirmam que o grafite agrega ao bairro valor cultural, histórico e estético e fazem parte da identidade do local, tornando-se elemento indispensável para o bairro do Recife. Como afirma a justificativa de um dos usuários:

A cidade está em constante transformação. Seja no sentido físico ou no valor agregado. No final, o que temos hoje é a síntese de artes que expressam tempo e momento distintos, cabe ao olhar do usuário se isso é complementar ou não. “A meu ver, a arte do grafite, hoje, no bairro do Recife Antigo, contribui para a identidade do espaço construído. (Questionário online, 2018).

Por outro lado, outros depoimentos afirmam que estes grafites não deveriam ser incorporados ao bairro, pelo fato do mesmo ter valor histórico. Como mostra a afirmação de um dos pesquisados: “Prédios antigos precisam manter as características e aparências preservadas, e o grafite moderniza muito essa história”;

⁷ Os cartazes Lambe-Lambe, feitos por meio de tipografia móvel inicialmente eram utilizados exclusivamente para atividades publicitárias, porém, com o surgimento de outros formatos de impressão, passa a ser também um elemento artístico que distribui frases motivacionais, de protesto, de identidade, entre outras.

“Edifícios históricos não deveriam ser usados como suporte para o grafite”. Por outro lado, outros pesquisados afirmam que o grafite deve ser incorporado aos bairros históricos de modo equilibrado, devido a suas edificações patrimoniais.

A cidade e as pessoas perderiam muito, o grafite pode tornar lugares mais humanos. No caso de sítios históricos, necessário se fazer um diálogo para estabelecer um convívio equilibrado entre as linguagens de expressão artísticas e o patrimônio edificado no bairro do Recife antigo. (Questionário online, 2018).

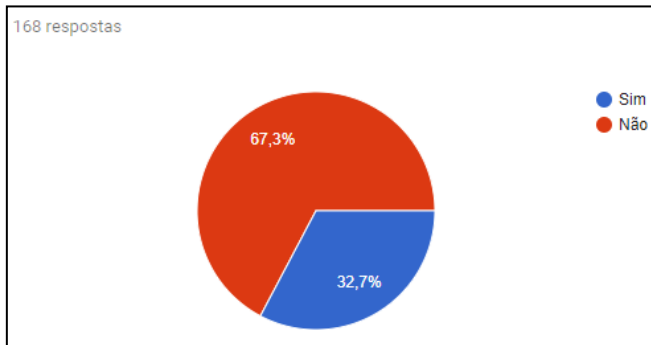
Porém, ao tratar das pichações, 72,6%, preferem o Bairro do Recife sem as pichações. Acerca da pichação a maior parte dos votos mostram a não preferência da pichação no bairro Recife. Em seus depoimentos afirmam que a pichação polui, degrada, vandaliza e desvaloriza tanto as edificações patrimoniais quanto o bairro como um todo, causando danos visuais e financeiros aos proprietários. Dessa forma não deveriam está presentes no bairro. Por outro lado, outros comentários dos pesquisados afirmam que as pichações são:

Parte dos sujeitos que frequentam o lugar e o escolhem para deixar uma parte de si, sua tag”. “Eu estive aqui”, “fui eu”, mais alto, maior, melhor. Representam parte da atmosfera plural do lugar. É um bairro comercial, festivo, cultural e de todos. (Questionário online, 2018).

Se por um lado à pichação é vista como vandalismo e responsável pela desvalorização estética, prejuízo financeiro e não apresenta nenhum valor significativo ao bairro, por outro lado, ela se constitui como uma atividade entre grupos sociais que agregam valor simbólico ao local.

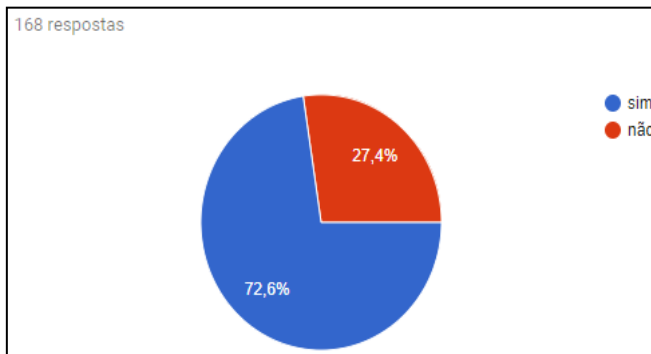
Os gráficos 05 e 06 apresentam os resultados da preferência do grafite e da pichação no Bairro do Recife.

Figura 68: Gráfico 05 Você prefere o bairro do Recife (Recife Antigo) sem os seus grafites?



Fonte: Pesquisa online, 2018. (o autor)

Figura 69: Gráfico 06 Você prefere o bairro do Recife (Recife Antigo) sem as suas pichações?



Fonte: Pesquisa online, 2018. (o autor)

4.2.2 Grafiteiros, pichadores e suas formações na rua.

Discutiu-se até então, o grafite e a pichação enquanto arte e os aspectos causados nos frequentadores e público online sobre essas formas de expressão. No entanto, outro aspecto que se fez necessário avaliar é: quem são os grafiteiros e pichadores? O que eles pensam sobre essas mesmas questões que causam admiração ou repulsa na população com as suas expressões? Para tanto, se buscou identificar o perfil dos grafiteiros, com o intuito de saber quem são esses artistas, de onde são, qual o objetivo do seu grafite e pichação em meio aos espaços públicos, como se constituiu os seus processos enquanto grafiteiros e pichadores e como o grafite e a pichação se relacionam entre si e com o espaço urbano.

A partir da análise com os grafiteiros e pichadores que atuam no Bairro do Recife Antigo, constatou-se que são predominantemente homens, de idade adulta, entre 25 e 44 anos, oriundos de bairros da periferia do Recife e Região Metropolitana. São trabalhadores formais e a maioria cursou o segundo grau completo. O motivo da escolha do Bairro do Recife, como o espaço escolhido para fazer suas expressões deve-se ao fato que, o bairro era um local esquecido na cidade, até os primeiros projetos de intervenção para o bairro, conforme apresentado anteriormente neste capítulo. Sendo assim, esse local tornou-se frequentado pelos grafiteiros e pichadores, como ponto de encontro entre eles, e passaram a usar suas expressões artísticas para dar vida ao local, tornando-se um local afetivo para esses artistas locais, como local atrativo por grafiteiros e pichadores de outros estados.

Os grafiteiros e pichadores adotam nomes artísticos, os quais passam a ser identificados nas suas expressões, que nem sempre é identificado pela população em geral, mas é reconhecido entre eles. Os pichadores se apresentam por meio das suas assinaturas ou "tags". Também se destaca que, os grafiteiros e pichadores se organizam em grupos para fazer suas intervenções, como: RZO, APS Risca, LA, 33CREW, RDP, VN, CB, Residência dos Loucos, OPI.

Os grafiteiros, de acordo com as entrevistas, afirmam que o tanto o grafite, quanto a pichação, são formas de arte. Em suas justificativas evidenciam que os dois são formas de expressão humana, onde quem executa tem a intenção de transmitir algum sentimento e intenção estética. Para o grafiteiro Galo de Souza, mesmo enquanto grafiteiro, defende que "a pichação é uma arte tanto quanto outra", contudo é generalizada e vista apenas como um problema. Ainda segundo o referido artista, a pichação está envolta por diversas outras questões como: sociais, antropológicas, além da plástica, o qual o pichador desenvolve uma tipografia para seu picho. Para o grafiteiro Bozó Bacamarte o grafite e a pichação são formas de arte por serem expressões humanas. O grafite se tornou mais aceito socialmente devido a seu potencial de valorizar o patrimônio urbano, a pichação por outro lado, surge como uma forma de protesto anterior até mesmo ao grafite. Pelo caráter crítico e político, a pichação tanto pode ser utilizada como instrumento em prol social, ou pode ser utilizada como uma forma de divertimento para quem pratica. Dessa forma, ele observa que a pichação deve ser utilizada de forma consciente pelo seu

praticante. Já o grafiteiro Jotazeroff também entende o grafite e a pichação como arte. Como artista de rua ele ainda salienta que os pichadores são como pintores rupestres, que de modo intuitivo, desenvolveram uma forma de comunicação a partir das condições da sua realidade.

Sendo assim, na visão dos grafiteiros, tanto o grafite quanto a pichação, podem ser considerados como arte. Se o grafite por um lado conquistou seu espaço em meio à sociedade, teve em suas origens um caminho árduo e enfrentou as mesmas dificuldades que a pichação. O ato de pichar por sua vez é considerado pelos grafiteiros como uma ação ambígua, ou seja, apresenta dois sentidos opostos. Na mesma medida que a pichação pode ter uma intenção artística e exercer uma função política que questiona as condições sociais, também se impõem como vandalismo que não tem intenção alguma de ser aceita.

Porém, inusitadamente, para os próprios pichadores, a questão do picho enquanto arte ainda não se apresenta como um consenso. Dos cinco entrevistados, dois se opuseram a este fato, como mostra o depoimento de um dos pichadores, conhecido como Nemo ao afirmar que: “meu picho não tem intenção de ser arte, ele é vandalismo”. O pichador ainda salienta que a intenção do seu picho é criar incomodo aos transeuntes, ser reconhecido, respeitado e ser lembrado entre os pares. Por outro lado, outros pichadores veem na pichação uma forma de arte, como afirma o pichador Duende: “a pichação é arte e também vandalismo, o errado da pichação é que ela vai querer ser feita em qualquer lugar e sem pedir autorização. O divertido é fazer isso”. De forma majoritária o fato da pichação ser proibida é um dos motivos que alimenta o divertimento dos praticantes. Os pichadores ainda salientam que muitas vezes utilizam a pichação para descarrego emocional, sendo assim uma válvula de escape, como afirma o pichador conhecido por Sola. O pichador Bocão afirma que a pichação também pode ser utilizada com uma forma de se declarar para uma pretendente. Por meio dessa ação ele afirma que já conseguiu algumas.

Sendo assim podemos constatar que como uma atividade que se constitui também pela produção de signos e relações com o mundo, como afirma Bourriaud (2008), tanto o grafite quanto a pichação pode ser considerada enquanto arte. O fato de muitas vezes não haver a autorização ou o consentimento do proprietário não

impede de ser arte. Galo, o grafiteiro, afirma que: o grafite no Brasil teve sua origem por meio da pichação, ou seja, o ato transgressor de protesto. Dessa forma eles ocupam os vazios deixados nos muros construídos pela sociedade.

As tabelas 01 e 02 apresentam uma síntese dos perfis dos grafiteiros e dos pichadores.




Tabela 3. Perfil dos grafiteiros.



Nome	Histórico	Grupos que participa.
Galo de Souza	<p>Artista plástico, autodidata, de 39 anos cresceu nas periferias do Recife. Coursou o ensino médio incompleto. Contudo complementou sua formação com cursos técnicos nas áreas de pintura, economia comunitária, educação popular. Iniciou a vida no mundo das artes como pichador aos nove anos de idade, em 1989. Desde 1996, com dezesseis anos, se aproximou da cultura do rap, hip-hop e iniciou os seus primeiros grafites utilizando pistola de pintura que o pai e os tios utilizavam em geladeira. Se apropriando do equipamento para realizar os primeiros grafites.</p> <p>Localidade: Mora em Piedade/Jaboatão dos Guararapes.</p>	RZO, APS Risca, LA, 33CREW.
Bozó Bacamarte	<p>Artista plástico, grafiteiro de 30 anos, oriundo de Olinda, mas especificadamente no bairro de Águas Cumpridas. A partir do momento que se aproximou do movimento hip-hop, break e o grafite, o artista plástico Bozó iniciou sua carreira como artista nas ruas no ano de 2003. Coursou o segundo grau completo e com incentivo dos professores de artes buscou sua identidade artística</p> <p>Localidade: Águas Cumpridas/Olinda</p>	X
Jotazeroff	<p>Artista visual, ilustrador, de 31 anos. Carpinense da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Coursou o segundo grau completo. Iniciou sua vida artística a</p>	

	partir dos oito anos de idade. Grafiteiro há sete anos, transmite a partir da sua arte, um universo lúdico que busca quebrar a rotina, incomodar, alertar e incentivar momentos de reflexões. Localidade: Carpina/Recife.	X
--	--	---

Elaborada pelo autor, 2018.

Tabela 4. Perfis dos pichadores.

Nome	Histórico	Grupos que participa e tag's dos pichadores.
Bocão	Motoboy, 33 anos, cursou o ensino superior incompleto. Picha há 14 anos. Começou a pichar devido o interesse de entender aqueles os códigos existentes nas paredes do bairro onde morava. Considera-se um artista urbano, pelo o processo criativo para elaboração da sua pichação. Dessa forma, busca por meio da dela expressar suas emoções, criar um incomodo visual para os que não gostam da pichação e dar continuidade ao cenário da pichação do Recife. Localidade: Maranguape/Paulista	RDP, VN. 
Duende	44 anos, trabalha como auxiliar de sérvios gerais cursou o ensino médio completo. Começou a pichar na década de 1990, devido o contato com o funk e as “galeras” de pichadores. se considera um artista e busca por meio da sua pichação se retratar com o meio onde vive. Por meio dela demonstra sua existência e da sua comunidade. Localidade: João de Barros/Recife.	RPD 
Nemo	Auxiliar de construção, 28 anos Cursou o ensino médio incompleto. Pichador há 12 anos, começou a pichar porque queria ser lembrado de alguma forma. Por meio da sua pichação também deseja criar incomodo, expressar amor, ser respeitado entre os pichadores e	CB, Residência dos Loucos. 

	demonstrar sua insatisfação com os absurdos desta sociedade desigual. Não se considera artista pois não vive no meio artístico. Localidade: Torre/Recife	
Traquino	Motorista de Urbe, 26 anos,. cursou o ensino médio completo. Começou a pichar porque admirava as letras de outras pichações. Por meio da sua pichação busca sua divulgação para conseguir o respeito entre os pichadores. Apesar de considerar a pichação arte, não se considera artista. Localidade: Ibura/Recife	OPI 
Sola	31 anos, é empresário. cursou o ensino superior completo. Começou a pichar no ano de 2001 por influência dos grupos ou galeras, como chamam os pichadores. Como artista considera que a pichação é arte e por meio dela, deseja homenagear sua filha. Contudo salienta que outros sentidos podem ser dados a pichação como: protesto, divulgação, vandalismo. Localidade: Recife	RDP 

Elaborada pelo autor, 2018.

4.3 A FUNÇÃO SOCIAL DO GRAFITE E DA PICHÇÃO.

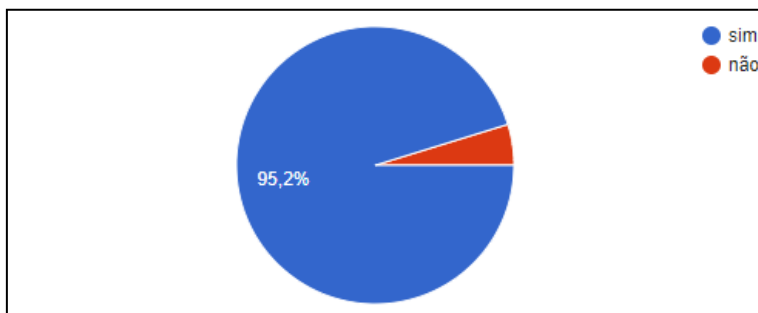
Após o entendimento do grafite e da pichação enquanto arte, além de conhecer os grafiteiros e pichadores, se buscou saber se essas expressões artísticas exercem uma função social. Dessa forma, quando questionados aos frequentadores do Bairro do Recife sobre a função social do grafite, a maioria dos entrevistados afirmou que ele exerce essa função social, sim. E foram atribuídas as seguintes funções ao grafite: expressar sentimentos, embelezar, recuperar espaços degradados, informar e valorizar a cultura do bairro. Quando questionados sobre a função social que a pichação exerce, a maioria dos entrevistados, responderam que não acreditam que ela exerça alguma função. A função que foi atribuída a pichação, se resumiu a vandalizar o espaço urbano.

Por outro lado, no questionário online foi evidenciado que tanto o grafite quanto a pichação, exercem uma função social. No caso do grafite, 95,2% das pessoas que

responderam ao questionário, afirmaram que o grafite exerce uma função social. Os motivos apontados para justificar essa função social foram: promoção e divulgação da sua arte com 76,4% das respostas, informativa, com 64,2% e educativa, com 63,6%. Os demais responderam 15% para vandalismo e transgressão.

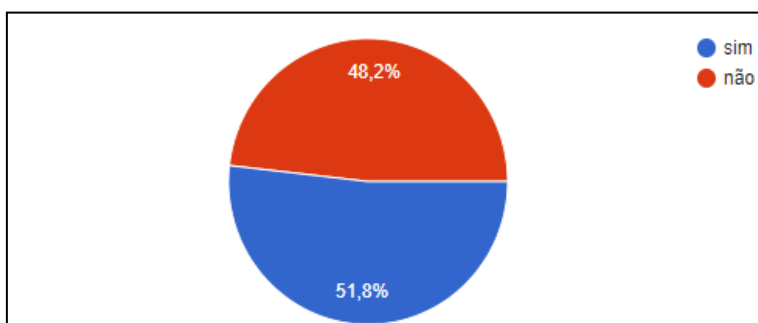
No caso da pichação, as respostas dos pesquisados online, diferente das entrevistas com os usuários, apontam que 51,8% acreditam que a pichação exerce uma função social. Ao perguntar qual seria a função, dos motivos apontados foram: 67,1% como vandalismo e transgressão; 52%, informativa, 25%, promoção e divulgação da sua arte, 18% educativa e protesto. Os gráficos 06 e 07 apresentam o percentual de votos sobre a opinião do grafite e da pichação, enquanto uma função social.

Figura 70: Gráfico 06 Na sua opinião, o grafite exerce uma função social?



Fonte: Pesquisa online, 2018. (o autor)

Figura 71: Gráfico 07 Na sua opinião, a pichação exerce uma função social?

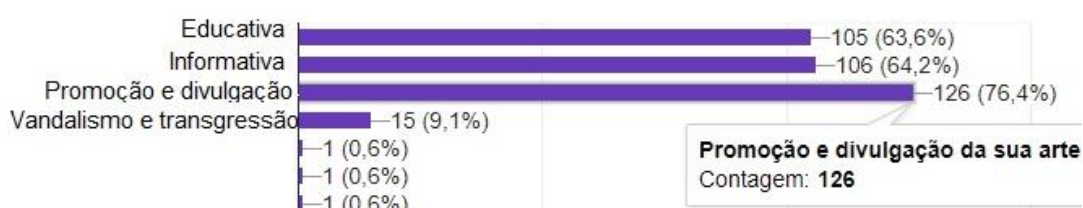


Fonte: Pesquisa online, 2018. (o autor)

Cabe destacar que, mesmo afirmando que a pichação são formas de vandalismo e de transgressão, ainda assim, mais da metade dos entrevistados online as vê que como uma função social.

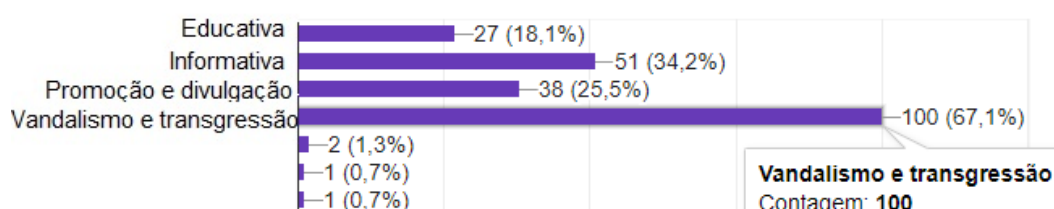
Os gráficos 08 e 09, apresentam a função social do grafite e da pichação.

Figura 72: Gráfico 08 Qual seria a função social do grafite?



Fonte: Pesquisa online, 2018. (o autor)

Figura 73: Gráfico 09 Qual seria a função social da pichação?



Fonte: Pesquisa online, 2018. (o autor)

Outra abordagem desta pesquisa foi saber dos grafiteiros e pichadores, a função social atribuída por eles nas suas expressões. E, com isso, se possível também verificar se os objetivos propostos com os grafites e pichações são compreendidos por quem as vê.

Dessa forma, sobre a função social do grafite, os grafiteiros evidenciam que sua intenção se dá em transmitir mensagens ou informar sobre a própria arte do artista, enfatizar questões sociais, reflexões sobre os modos de vida, valorizar a cultura do local e a própria arte. Sendo assim o grafite pretende fazer, como afirma o grafiteiro Galo de Souza: “uma propaganda em prol da vida, diferente da propaganda

predatória das grandes marcas multinacionais”. Os grafiteiros como artistas pretendem comunicar tanto as coisas boas da vida, quanto às mazelas e problemas da sociedade. Dessa forma grafiteiros apresentam um enredo com vertentes temáticas e ideologias que coincidem com a inclinação subjetiva do artista e o meio no qual se insere. Os motivos apontados pelos artistas, parece coincidir com a função social do grafite identificada pelos cidadãos.

Sobre a função social da pichação, os grafiteiros salientam que ela exerce uma função social de forma direta e indireta. De forma direta, ela pode ser utilizada como instrumento de protesto e denúncia por qualquer indivíduo. De forma indireta, por meio da pichação pessoas se expressão e se relacionam enquanto grupo social que compartilham os mesmos espaços. Dessa forma, a pichação pode ser usada como benefício social ou não. O que a princípio, se restringe a uma função apenas para esses grupos e não para a sociedade como um todo.

Os grafiteiros não deixam de criticar a ação dos pichadores, contudo afirmam que ela não deve ser combatida de forma repressiva. Sendo assim, quanto mais repreendidos forem estes pichadores, mais pichações irão existir.

Para os pichadores sua função social se apresenta de forma ambígua e de posicionamento do próprio pichador, ou seja, a função social vai depender do picho que é realizado. Existem pichadores que utilizam sua pichação com intuito de protesto, denúncia social e existem outros pichadores que praticam mais massivamente a divulgação das suas assinaturas ou de grupos, que demonstra mais uma ação pessoal, do que social. Segundo os pichadores a pichação apresenta sua própria realidade e meio social. Sendo assim, segundo o pichador Duende os pichadores se estabeleceram enquanto grupo social que matem uma relação afetiva e de comunicação interna que se reverbera em meio à sociedade. Os pichadores ainda salientam que a o ato de transgressão e vandalismo é onde se estrutura o conceito da pichação.

Em seus depoimentos os pichadores ainda afirmam que caso a pichação deixasse de ser proibida, ela perderia uma parte da sua diversão, pois a pichação também se torna uma atividade de lazer para os praticantes. Deste modo, se faz necessário que

a pichação seja proibida, para que de fato seja pichação, segundo os pichadores. Com isso, pode-se concluir que a função social que a pichação exerce para os pichadores se apresenta na medida em que ela se estabelece como uma forma ou instrumento pelo qual os pichadores se relacionam com o seu meio social.

Sendo assim, com base na pesquisa realizada, pode-se concluir que: o grafite e a pichação exercem uma função social, apesar de não existir unanimidade, ao contrário, existem opiniões diversas e complexas sobre essas formas de expressão. Pode-se afirmar também que a função social do grafite e da pichação não consiste apenas em dar vozes aos atores marginalizados, mas, de denunciar o contexto político, histórico e social, além de mostrar os motivos mais subjetivos de uma sociedade que se socializa de maneira própria, se articulando entre as brechas deixadas pela consolidação de um sistema social desigual, onde poucos têm a oportunidade de expor sua opinião.

Considera-se também que os mesmos são expressões artísticas, já que tem a capacidade de comunicar, produzir signos e dialogar com as diferenças existentes. Desse modo para compreender e ou contemplar a beleza existente no grafite e na pichação, é preciso aproximar-se dos mesmos de forma não preconceituosa, não oprimindo suas capacidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se propôs a compreender em que medida o grafite e a pichação exercem uma função no Bairro do Recife, já que são compreendidos enquanto arte e forma de expressões artísticas contemporâneas.

Inicialmente, se discutiu o conceito de arte, entendida como um conjunto de processos sociais históricos e não uma orientação humana (Taylor, 1978), também como atividade que consiste em produzir relações com o mundo com auxílio de signos, formas, gestos ou objetos (Bourriaud, 2008), e não existe realmente o que possa dar o nome de arte, existem somente artistas (Gombrich, 1995). A arte é absolvida de uma função social. Conforme aponta Fisher (1963) e Read (1976), a função social da arte se justifica pela necessidade do ser humano em se utilizar-se dela, da arte, para estabelecer diálogos com o meio em que vivem, além de que, afirmam que a tem sentido quando a sua representação for uma representação social.

Quanto a arte urbana, Pallamin (2000), busca explicar esse conceito a partir de como são apreendidas e constituídas as situações urbanas, que são formadas por um conjunto de relações subjetivas entre pessoas e os significados que elas atribuem aos lugares que frequentam na cidade, estabelecendo diferenças contextuais ao longo do tempo, além de ser marcadas pela efemeridade, de modo que não se pode estabelecer um sentido final para essas situações, já que estão sempre envolvidas por processos contínuos.

O grafite e a pichação não são formas de expressão exclusivas das sociedades atuais, mas tornaram-se significativas nas últimas décadas devido ao seu crescimento contínuo nos espaços urbanos e as constantes reflexões em torno da legalidade, de seu caráter, dos espaços utilizados, entre tantas outras inquietações que divide opiniões entre gestores, artistas e cidadãos comuns. No Brasil, os grandes centros urbanos já se tornaram cenários dessas expressões artísticas. Destaca-se o exemplo de São Paulo onde tem um número significativo de expressões, de artistas, e de grandes repercussões no cenário nacional.

Em Recife, o grafite se inicia na década de 1980 e as pichações, ainda antes, na década de 1970, com um caráter de protesto. Até aos dias atuais, essas duas expressões se expandiram a partir das periferias, até tomar o Bairro do Recife Antigo, área central e possuidora de valores arquitetônicos, culturais e históricos, o mais atrativo lugar para essas expressões, cujo convívio com a arte contemporânea, tem dividido opiniões.

Os motivos de grafiteiros e pichadores se apropriarem do Bairro do Recife, inicialmente, foi levado pelo seu abandono. Nas últimas três décadas, face a vários projetos públicos de revitalização do bairro, essas expressões artísticas não se intimidaram. No entanto, na pesquisa realizada junto aos frequentadores do bairro e com a população em geral, percebeu-se que não há um mesmo entendimento dessas expressões artísticas como forma de arte. A maioria das pessoas que participaram desta pesquisa considera o grafite uma arte, mas já não tem a mesma opinião quanto às pichações. Contudo, parte-se do pressuposto de que, tanto o grafite, quanto a pichação, estabelece algum tipo de diálogo com a sociedade, e dentro desse raciocínio, pode-se afirmar que é uma forma de arte, mesmo que denotem diversos significados, desde o embelezamento à transgressão.

Apesar dessas expressões artísticas se apropriarem das estruturas urbanas, nem sempre mediante autorização, a pesquisa apontou que há uma concordância quanto à apropriação dos espaços urbanos pelo grafite, ao contrário da pichação, que mais uma vez, é associada a vandalismo, sujeira, abandono, transgressão. Ao tratar dos grafites e pichações no Bairro do Recife, observou-se que, a maioria das pessoas que participou da pesquisa concorda com o grafite no bairro, o que confirma o entendimento de que é uma forma de arte, já que esta localidade está tão atribuída de significados. Porém, ao contrário das pichações, a maioria das pessoas não concorda. Contribuindo para o fortalecimento da ideia de vandalismo que lhes é atribuído.

Como afirma Gombrich (1995), “não existe realmente o que possa dar o nome de arte, mas, somente artistas”. Sendo assim, se buscou saber quem são esses artistas, bem como, se os mesmos expressam denúncias de vozes marginalizadas. Dessa forma, o perfil identificado é de homens, jovens, de diversas áreas de Recife

e da Região Metropolitana, e de trabalhadores formais, que não apenas dão vozes aos atores marginalizados, mas, denunciam o contexto político, histórico e social, pelo qual, todas as sociedades vivenciam.

Por fim, é possível identificar a função social do grafite e da pichação à medida que, essas expressões artísticas estabelecem diálogos com o meio em que vivem, expressam as representações sócias, expõe ao público a significação profunda de diversos acontecimentos. E, se ocupam dos espaços urbanos, provocando análises, pesquisas, debates, como os que originaram esse trabalho.

.

REFERÊNCIAS

Art. 65 Lei nº 9.605 de 12 de Fevereiro de 1998.

ARTE Contemporânea. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo354/arte-contemporanea>>. Acesso em: 20 de Mar. 2018. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ARTES Liberais. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018.

Agnaldo Farias, M. d. (2010). **Catálogo da 29ª Bienal de São Paulo**. *Catálogo da 29ª Bienal de São Paulo*. São Paulo, São Paulo, Brasil.

Alexandre Barbosa Pereira, « Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória na São Paulo da pixação », **Cadernos de Arte e Antropologia [Online], Vol. 1, No 2 | 2012**, posto online no dia 01 outubro 2012, consultado o 01 junho 2018. URL : <http://journals.openedition.org/cadernosaa/631> ; DOI : 10.4000/cadernosaa.631

Alessi, G. (25 de Janeiro de 2017). A 'maré cinza' de Doria toma São Paulo e revolta grafiteiros e artistas. Acesso em 2018 de março de 27, disponível em brasil.elpais.com/brasil/2017/01/24/politica/14852brasil.elpais80199_418307.html

ARGAN, Giulio. **Historia da arte como historia da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAUHAUS . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo368/bauhaus>>. Acesso em: 23 de Nov. 2017. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Brasilgovbrcidadaniaejustica. (04 de novembro de 2009). Acesso em 24 de 05 de 2018, disponível em **Lei da Anistia Política** reverteu punições da época da ditadura: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2009/11/lei-da-anistia-politica-reverteu-punicoes-da-epoca-da-ditadura>

BOURRIAUD. Nicolas. **Estética relacional**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2008.

CARDERNO DE ENSAIOS TEORICOS, **47º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco**, Recife, 2012. p.25.

CATÁLOGO DA 29ª BIENAL DE SAO PAULO : **há sempre um copo de mar para um homem navegar** /curadores Agnaldo Farias, Moacir dos Anjos. -- Sao Paulo : Fundação Bienal de Sao Paulo, 2010.

catalogodasartes historia arte BP. (14 de 03 de 2009). Acesso em 24 de maio de 2018, disponível em [catalogodasartes: https://www.catalogodasartes.com.br/historia_arte/BPA/](https://www.catalogodasartes.com.br/historia_arte/BPA/)

CHAUÍ, M. (2000). *CONVITE À FILOSOFIA*. SÃO PAULO: ED.ÁTICA.

CORDULA, RAUL. DNA. **Grafite e grafiteiros**, Recife, n. 103, p. 35, 2017.

C.Afrancio. (s.d.). **O que é o Museu Aberto de Arte Urbana?** Acesso em 24 de maio de 2018, disponível em [museuabertodearteurbana: https://museuabertodearteurbana.wordpress.com](https://museuabertodearteurbana.wordpress.com)

CAPRIGLIONE, L. (13 de junho de 2008). **Pichadores vandalizam escola para discutir conceito de arte.** Fonte: Folha de São Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1306200820.htm>

Dávila SILVA, Enedina MAGALHÃES, Alessandra ARAÚJO, Tarcísio MARTINS FILHO, Universidade de Fortaleza. (2016). **Lambe-Lambe de peça publicitária a elemento de arte urbana – Uma análise a partirdo desejo de passado.** *Lambe-Lambe de peça publicitária a elemento de arte urbana – Uma análise a partirdo desejo de passado.*

CBTU. (06 de 04 de 2007). **CBTU transforma trens em obras.** Acesso em 24 de abril de 2018, disponível em [wscom: https://www.wscom.com.br/noticia/cbtu-transforma-trens-em-obras-de-arte-projeto-comeca-em-recife-e-chega-a-joao/](https://www.wscom.com.br/noticia/cbtu-transforma-trens-em-obras-de-arte-projeto-comeca-em-recife-e-chega-a-joao/)
Desconhecido. (04 de fevereiro de 2015). [facebook.com/museuabertoarteurbana](https://www.facebook.com/museuabertoarteurbana). Acesso em 2017 de 12 de 01, disponível em [museu de arte urbana:](https://www.facebook.com/museuabertoarteurbana)

Fischer, E. (1963). **A Necessidade da Arte**. Lisboa: Editora Ulisseia.

FERREIRA, M. A. **A arte urbana no Brasil: expressões da diversidade contemporânea.** São Paulo. 2011.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

G1. <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/em-meio-a-polemica-com-doria-grafiteiros-defendem-dialogo-e-espaco.ghtml>>. Acesso: 01 out.2017

G1 São Paulo: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/justica-proibe-doria-de-apagar-grafite-sem-aval-de-conselho-do-patrimonio-historico-e-cultural.ghtml> Acesso: 01out.2017

Globo G1, T. (25 de 01 de 2017). Grafite do artista Kobra na Av. 23 de Maio é pichado com imagem de Doria. Acesso em 10 de 04 de 2018, disponível em G1 globo: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/grafite-do-artista-kobra-na-av-23-de-maio-e-pichado-com-imagem-de-doria.ghtml>

Grafite do artista Kobra na Av. 23 de Maio é pichado com imagem de Doria. (25 de 01 de 2017). Acesso em 25 de maio de 2018, disponível em G1 São Paulo:

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/grafite-do-artista-kobra-na-av-23-de-maio-e-pichado-com-imagem-de-doria.ghtml>

GANZ, Nicholas. **O mundo do grafite**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2004.

GOMBRICH, E. (2000). *A HISTÓRIA DA ARTE*. SÃO PAULO: LTC.

LEITE, A. E. **Grafite em SP**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora e Consultoria

Taylor, Roger. **A arte inimiga do povo**. São Paulo: Conrad Editora Brasil, 2005.

Lei nº 9.605 de 12 de Fevereiro de 1998.

NASCIMENTO, L. H. (2012). Pixação: **Arte em cima do muro**.

PALLAMIN, Vera. **Arte urbana**. São Paulo: Annablume Editora, 2000.

INSTALAÇÃO . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3648/instalacao>>. Acesso em: 23 de Nov. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Paulo, G. S. (24 de 01 de 2017). Muros da Av. 23 de **Maió são pichados com nome de Doria após Prefeitura cobrir grafites**. Acesso em 29 de 05 de 2018, disponível em G1 São Paulo: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/muros-da-av-23-de-maio-sao-pichados-com-nome-de-doria-apos-prefeitura-cobrir-grafites.ghtml>

Pernambuco, D. d. (18 de 01 de 2017). *Desenhos revelam as cores do grafite no carnaval do Recife*. Acesso em 20 de maio de 2018, disponível em Diário de Pernambuco:http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/cadernos/vida-urbana/2017/01/18/interna_vidaurbana,161750/desenhos-revelam-as-cores-do-grafite-no-carnaval-do-recife.shtml

PERFORMANCE . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3646/performance>>. Acesso em: 23 de Nov. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Tomaz, K. (15 de setembro de 2010). **g1.globo**. Acesso em 01 de dezembro de 2017, disponível em g1.globo.com.br: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/09/apos-invasao-em-2008-pichadores-sao-convidados-voltar-bienal.html>

2007, N. (2007). **Wholetrainprojectrecife**. Acesso em 01 de junho de 2018, disponível em Wholetrainproject: <https://www.instagram.com/wholetrainproject/>

FIORATTI, G. (29 de setembro de 2004). **Artista diz que ter obra pichada é "positivo"**. Acesso em 04 de 04 de 2018, disponível em Folha da São Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2909200410.htm>

memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/Arquivo. (1968). **Protestos contra a ditadura militar movimentam as ruas do país**. Acesso em 06 de abril de 2018, disponível em Uol educação: <https://educacao.uol.com.br/album/2014/02/17/1968-protestos-contr-a-ditadura-militar-movimentam-as-ruas-do-pais.htm#fotoNav=14>

MENA, F. (03 de Outubro de 2004). *"Não", pichador da Bienal, diz que também é artista*. Fonte: Folha de São Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0310200416.htm>

Moura, T. S. (2014). **Pixadores, Grafiteiros e Suas Territorialidades: apropriações socioespaciais na cidade do Recife**. Recife, Pernambuco, Brasil.

Nascimento, L. H. (2012). **Pixação: Arte em cima do muro**.

Nery, N. S., & Castilho, C. J. (2008). **Comunidade do Pilar e a revitalização do bairro do Recife**. Revista Eletrônica da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA .

Paulo, G. S. (22 de 01 de 2017). Grupo protesta por grafites na Avenida 23 de Maio, em São Paulo. Acesso em 20 de 05 de 2018, disponível em G1 São Paulo: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/grupo-protesta-por-grafites-na-avenida-23-de-maio-em-sao-paulo.ghtml>

Raúl. (31 de março de 2011). **Stickers, arte urbano em pegatina**. Acesso em 08 de 04 de 2018, disponível em distorsionurbana:

Reali, H. e. (16 de agosto de 2017). **Celcanto, aquele não provoca maremoto**. Acesso em 28 de março de 28, disponível em Estadão: <http://viagem.estadao.com.br/blogs/viagens-plasticas/celacanto-aquele-que-nao-provoca-maremoto/>

Recifusion. (18 de 03 de 2009). *Recifusion*. Acesso em 18 de abril de 2018, disponível em Recifusion: https://www.facebook.com/pg/Recifusion/about/?ref=page_internal

Read, H. (1976). **O Sentido da Arte**. *O Sentido da Arte*. Ibrasa.

Sales, H. S. (09 de março de 2017). **Um dos pixadores que peitou Doria nos muros de SP tem algo a dizer**. Acesso em 2018 de 03 de 31, disponível em vaidape: <http://vaidape.com.br/2017/03/pixador-que-peitou-doria-tem-algo-a-dizer/>

Santiago, T. (14 de 02 de 2017). *Justiça proíbe Doria de apagar grafite sem aval de conselho do Patrimônio Histórico e Cultural*. Acesso em 2018 de 03 de 29, disponível em **G1 São Paulo**: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/justica-proibe-doria-de-apagar-grafite-sem-aval-de-conselho-do-patrimonio-historico-e-cultural.ghtml>

Soares, T. N. (2012). **Campanhas políticas e repressão policial: as pichações na cidade do Recife (1979-1985)**. Recife, Pernambuco, Brasil.

Tomaz, K. (15 de setembro de 2010). **g1.globo**. Acesso em 01 de dezembro de 2017, disponível em [g1.globo.com.br: http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/09/apos-invasao-em-2008-pichadores-sao-convidados-voltar-bienal.html](http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/09/apos-invasao-em-2008-pichadores-sao-convidados-voltar-bienal.html)

APÊNDICES

Apêndice A

Roteiro de entrevista no bairro do Recife:

Sobre o grafite

Idade:

Ocupação:

Grau de instrução

Rua da entrevista

Você considera o grafite arte?

Você acha que o grafite tem alguma função? Qual seria?

Você concorda como o grafite ocupa os espaços urbanos?

Explique:

O que você acha dos grafites do bairro do Recife?

Sobre a pichação

Você considera a pichação arte?

Você acha que a pichação tem alguma função? Qual seria?

Você concorda como a pichação ocupa os espaços urbanos?

Explique:

O que você acha das pichações do bairro do Recife?

Apêndice B.**Questionário online para o público que frequenta o bairro do Recife.****Sobre o grafite:**

1) Você considera que o grafite é arte?

a) sim

b) não

Por quê?

2) Na sua opinião que função o grafite exerce?

a) educativa

b) informativa

d) promoção e divulgação da sua arte

c) vandalismo

outras_____

3) Você concorda como o grafite se apropria dos espaços urbanos?

a) sim

b) não

explique:

4) Você prefere o bairro do Recife (Recife Antigo) sem os seus grafites?

a) sim

b) não

Por quê?

Sobre a pichação:

1) Você considera que a pichação é arte?

a) sim

b) não

c) parcialmente

Por quê?

2) Na sua opinião que função a pichação exerce?

a) educativa

b) informativa

d) promoção e divulgação da sua arte

c) vandalismo

outras _____

3) Você concorda como a pichação se apropria dos espaços urbanos?

a) sim

b) não

explique:

explique

4) Você preferi o bairro do Recife sem suas pichações?

a) sim

n) não

Explique:

Apêndice C.

Roteiro de entrevistas com os pichadores

1. Idade?
2. Ocupação?
3. Grau de instrução?
4. Onde mora?
5. Quando e por que você começou a pichar?
6. Como geralmente se dá o processo para alguém se tornar pichador?
7. Qual o objetivo da sua pichação? O que você quer transmitir?
8. Qual a função da sua pichação no seu ponto de vista?
9. Para você a pichação é arte?
10. Faz parte de algum grupo específico?
11. Já participou de algum conflito entre grupos?
12. Conflitos entre grupos ainda existem?
13. Que tipo de picho você faz e qual usa com mais frequência?
14. Por que o bairro do Recife é um dos lugares que os pichadores buscam?
15. Sendo o Bairro do Recife um local turístico e de mercado cultural, existe uma necessidade do pichador de tentar se inserir nesse mercado?
16. Acredita que a pichação é aceita e compreendida pela sociedade?
17. Como você observa a lei que proíbe a pichação?

Roteiros de entrevista com os grafiteiros

1. Idade?
2. Ocupação?
3. Grau de instrução?
4. Onde mora?
5. Quando e por que você começou a grafitar?
6. Como foi o seu processo para se tornar um grafiteiro?
7. Faz parte de algum grupo específico de grafite? Qual?
8. Você pratica o grafite “vandal”, ou seja, aquele feito na rua sem permissão de proprietários?
9. Que tipo de grafite você faz e qual usa com mais frequência?

10. Por que ocupar cidade com grafites?
11. O bairro do Recife é um dos lugares que os grafiteiros buscam? Por quê?
12. Além de colorir e recuperar espaços urbanos qual a necessidade de grafitar na rua? FUNÇÃO SOCIAL
13. Qual o objetivo do seu grafite?
14. Qual a função do seu grafite?
15. Para você o grafite é arte?